

18 A 26 DE SETEMBRO DE 2026

QUEER LISBOA

**QUEER LISBOA
FESTIVAL INTERNACIONAL
DE CINEMA QUEER**

**Cinema São Jorge
Cinemateca Portuguesa**

queerlisboa.pt

Queer Lisboa 30

Festival Internacional de Cinema Queer

Produção



Festival Apoiado por



Parceria Estratégica



Coprodução



Apoio à Promoção



Apoios à Programação



Patrocinadores de Prémios



Televisão Oficial



Rádio Oficial



Apoios



Restaurantes Parceiros



Parcerias Média



Apoio a Eventos



Parceiro Tecnológico



ASUS Zenbook DUO

Let's DUO it

O teu cinema e estúdio 3K

Dois ecrãs OLED de 14 polegadas com resolução 3K e 144Hz, 1000 nits de brilho, painéis táteis antirreflexo e som envolvente

Construído para ser resistente

Chassis, dobradiça e suporte ultraleves em Ceraluminum™ + Ecrã OLED = durabilidade garantida

Elevado desempenho, bateria para o dia todo

Processador Intel® Core™ Ultra Série X9 com gráficos de nível dedicado. Velocidade extrema para multitarefas, renderização 3D, gaming, e 18+ horas de bateria em modo 2 ecrãs

altcontent

The music for your story

20 unique, international collections

All musical genres and styles

Pre-cleared, one stop

Quality and variety

100.000+ tracks

www.altcontent.co

altcontent@altcontent.net

Queer Lisboa 30

Festival Internacional de Cinema Queer

4	Apresentação	22	Competição In My Shorts
6	Júris	24	Panorama
8	Noite de Abertura	28	Resistência Queer
8	Noite de Encerramento	29	Queer Family
9	Sessões Especiais	30	Retrospectiva
10	Competição Longas-Metragens	35	Sessão e Conversa
13	Competição Documentários	36	Troféu Queer Lisboa
16	Competição Queer Art	38	Festas
19	Competição Curtas-Metragens	39	Calendário de Sessões

Equipa Queer Lisboa

Direção Artística: João Ferreira

Programação: Ana David, Constança Carvalho Homem, Cristian Rodríguez, João Ferreira

Direção: Ana David, Cristian Rodríguez, João Ferreira

Produção: Ana David, Cristian Rodríguez

Assistente de Produção: Caroline Gouveia

Consultoria: António Fernando Cascais

Movimento de Cópias: Lucas de Lima

Hospitalidade: Ana David, Cristian Rodríguez

Imprensa, Comunicação e Redes Sociais: Ana David, Cristian Rodríguez

Design Gráfico: Ivo Valadares

Motion: Gonzalo Gómez

Fotografia: Mariana Mateus

Website: João Pascoal Studio, After You

Tradução: Ana David, Cristian Rodríguez, João Ferreira

Tradução Legendagens: Ana Grilo, Ana Varela, Bernardo Castro, Constança Carvalho Homem, Cristina Sun, Inês Passos, Isabel Mendes, Júlia Veras, Marta Rama, Mónica Costa, Nar Albuquerque de Moura, Rita Neiva, Sofia Espada, Vanessa Careta, Vitor Pombo

Volunquers: Ana Santos, Ana Sofia Sousa, Carolina da Cunha, Carol Barbosa, Carolina Martins, Carolina Tapia, Clara Ferreira, Cláudia Beato, Corinna Taylor, David Teixeira, Emna Hafsia, Esther Nairn, Fábio Marques Belém, Filipe Simões, Inês Mesquita, Javier Rojas Mendoza, João Pedro Silveira, Laura Cabrita, Leonardo La Terza, Lorenzo Ferreira, Margarida Martins, Maria Eduarda de Sousa (céu), Matheus Engenheiro, Matilde Porto, Matilde Martins, Pedro Freitas, Pierre Forget-Ameziane, Raquel Grazina, Rita da Silva, Sara Sousa, Sofia Cardoso, Tiago Soeiro, Vera Levent, Virgilio Barata, Wendy Ferreira

Música Trailer: Pantha du Prince

Legendas: Alexandre Batista

Organizado por:

Associação Cultural Janela Indiscreta

Casa do Cinema

Rua da Rosa, 277, 2.º

1200-385 Lisboa

Tel.: + (351) 91 610 69 04

info@queerlisboa.pt

Cinema São Jorge

Avenida da Liberdade 175

1250-141 Lisboa

Tel. + (351) 213 103 400

Metro: Avenida

www.cinemasaojorge.pt

Bilhete inteiro: 4,50€ | com desconto: 3,50€*

Pack 5 bilhetes para 5 sessões diferentes pelo preço de 4: 18,00€ | com desconto: 14,00€*

*Menores de 25 anos, Cartão Jovem, maiores de 65 anos, funcionárias da Câmara Municipal de Lisboa, associadas MUTIM e pessoas membro das Associações LGBTQIA+, devidamente identificadas.

As sessões da média-metragem *The Faggots & Their Friends Between Revolutions* são de entrada gratuita, mediante levantamento de ingresso no próprio dia.

As sessões de *Feito Pipa* e *Papaya* são de entrada gratuita para menores de 12 anos, mediante levantamento de ingresso no próprio dia.

Horário: Diariamente, a partir das 14h (exceto dias 18 e 26 de setembro em que abre às 14h30) e até ½ hora depois do início da última sessão.

Bilheteira online: cinemasaojorge.bol.pt

Cinemateca Portuguesa

Rua Barata Salgueiro 39

1269-059 Lisboa

Tel. + (351) 213 596 200

Metro: Avenida

www.cinemateca.pt

Bilhete inteiro: 3,20€ | com desconto: 1,35€* / 2,15€**

*Amigos da Cinemateca, estudantes de cinema, desempregados.

**Estudantes, Cartão Jovem, maiores de 65, reformados.

Horário: De 2ª a 6ª feira, das 14h30 às 22h00; sábados, das 14h00 às 21h30.

Bilheteira online: cinemateca.bol.pt

Apresentação

Resgatar Futuros: o cinema queer vê-se ao espelho (Parte I)

João Ferreira

“He calls me Cassandra, and says / “‘Cause no one will believe / Your prophecies””, Tori Amos, “Shush”

“The Faggots remind us that to become undone is our greatest gift to ourselves”, Tourmaline

Manifesto revolucionário em formato de fábula, o livro “The Faggots & Their Friends Between Revolutions”, de Larry Mitchell, com desenhos da ilustradora Ned Asta, teve a sua primeira edição em 1977, pela mão do próprio escritor, através da criação da Calamus Books, pois à época nenhuma editora nos EUA arriscou a sua publicação. Tendo vivido na Comuna de Lavender Hill, nos arredores da cidade de Ithaca, no norte do Estado de Nova Iorque, Mitchell experienciou na primeira pessoa a urgência utópica da década de 70, com expressão um pouco por todo o mundo ocidental, mas particularmente marcante nos EUA, na altura a braços com a Guerra do Vietname e com a convulsão política e social que provocou no país, durante e no rescaldo da Guerra. Contra a tirania do estado e do capital, nasce a vontade e a necessidade de criação de espaços alternativos, à margem desses mesmos estados e capitais e de todos os novos fenómenos políticos, sociais e económicos que eles disseminaram. “The Faggots & Their Friends Between Revolutions” é um livro de profecias. A ação passa-se em Ramrod, onde dominam os “homens” que exercem a tirania sobre todos aqueles que não lhes são semelhantes: as mulheres, os paneleiros, as bichas, os queers, as mulheres que amam outras mulheres, e as mulheres fortes. São estes os arquétipos dos reprimidos, criados por Mitchell, nesta metafórica Ramrod que nos remete para o Império Romano e nos faz espectadores do seu declínio. No cerne da fábula está a ideia de que não é possível lutar contra a repressão do patriarcado sem antes formar uma comunidade que sirva cada uma das suas pessoas com uma rede de afeto e de cuidado. Mas essa comunidade deve também ser autossuficiente, recorrendo o mínimo ao mundo dos “homens”. Como escreve Morgan Bassichis na Introdução à nova edição de 2019, pela Nightboat Books, “No rescaldo do abandono estrutural, da alienação política, da rejeição familiar, da doença crónica, da

violência de estado e da negligência médica, é a amizade queer que nos salva” (p. XVI, as traduções são de minha responsabilidade). “The Faggots & Their Friends Between Revolutions” é um manual de ensinamentos, de estratégias de sobrevivência, um compêndio das vivências queer que resistem à tirania e plantam um espaço utópico. É uma visão de como a masculinidade tóxica, a homofobia, o sexismo, o capitalismo, a assimilação e o patriarcado afetam as vidas de pessoas queer. É um relato desiludido perante a sociedade de então, mas que mágica e pragmaticamente abre caminho à esperança de um espaço-outro: “As mulheres fortes disseram aos paneleiros que há duas coisas importantes a ter em conta em relação às revoluções vindouras. A primeira é que vão dar cabo de nós. A segunda é que venceremos” (p. 21).

Mas será que vencemos? Teremos realmente estado atentos a estas profecias? Olhando de novo para este microcosmo das comunas queer nos EUA, a realidade do mundo dos “homens” depressa lhes entrou porta adentro e progressivamente as fez sucumbir nos seus grandes eixos ideológicos e utópicos. Uma expressiva parte dos seus habitantes remigrou para as cidades e, depois de um período de alguma esperança política com a presidência de Carter, eis que entramos nos anos 80 com o mandato de Reagan e com o eclodir da epidemia da sida. Um curioso paralelismo pode ser estabelecido com a realidade portuguesa do pós-25 de abril, que também viveu essa experiência utópica nos anos 70 com as suas comunidades alternativas, associações e cooperativas, novas expressões culturais e experimentos pedagógicos (estes últimos largamente importados do Reino Unido e dos quais fui uma feliz “cobaia”). Paradoxalmente (ou não), a devastação humana que significou a epidemia da sida, desde os anos 80 até pouco mais de meados de 90, obrigou à reabilitação desse sentido de comunidade queer: onde estava a falhar





IT TAKES ALL KINDS TO MAKE THE REVOLUTIONS

The Faggots & Their Friends Between Revolutions

o estado, era preciso tomarmos conta uns dos outros. O associativismo assume novas formas, não raras vezes verdadeiramente revolucionárias e violentas. A comunidade respondia à letra. E nas cidades começam-se a afirmar espaços identitários – centros cívicos e culturais, clínicas, bares, livrarias –, que servem as comunidades, replicando de algum modo a experiência das comunas, também no sentido em que progressivamente chamam a si as questões das alterações climáticas, da ecologia ou da ética alimentar, também presentes no livro de Mitchell.

E não terá sido apenas neste aspeto que os ideais utópicos de 70 deixaram marca nas comunidades e vivências queer. Por um lado, é verdade que o referido renascimento do associativismo a partir dos 80 progressivamente caminha na direção de uma série de reivindicações que vão ao encontro de uma vontade de assimilação – nos EUA, a integração de pessoas queer no exército, por exemplo, e pelo mundo ocidental o casamento entre pessoas do mesmo sexo. Em “The Faggots & Their Friends Between Revolutions”, o exército e o casamento eram fenómenos ligados ao heteropatriarcado do mundo dos “homens” de Ramrod. Mas também é verdade que, paralelamente a estes ideais assimilacionistas, foi correndo uma contracultura associativa, herdeira das revoluções de 70, que sempre defendeu a afirmação de uma vivência e cultura próprias e alheias aos modelos heteronormativos, e que continua com grande expressão até hoje. O futuro contido nas utopias de então não foi infrutífero, teve um propósito e reais consequências. No entanto, observando o nosso presente, aqui, hoje, o declínio do Império de Ramrod não é mera ficção se olharmos para esta Europa onde vivemos, berço do Império Romano. Uma Europa que não soube construir-se coletivamente – que reencarnou o “homem” de Ramrod na sua opressão do Outro e assiste passivamente ao renascer do heteropatriarcado e do fascismo. A mesma Ramrod que está também a destruir o planeta e a provocar a aceleração sem retorno das alterações climáticas, como profetizava Mitchell: “A terra, ferida, sulcada, devastada e bombardeada, negará a vida aos homens de modo a detê-los.” (p.53). Em “The Faggots & Their Friends Between Revolutions”, essa vingança da mãe-natureza sobre o “homem” não chega a afetar os paineleiros e as suas aliadas, pois, entretanto “Os paineleiros abandonaram a realidade dos homens de forma a destruí-la, criando uma nova.” (p. 53). Mas o que ficou hoje dessa nova realidade? Temo que muito pouco. Vivemos esse perigoso retrocesso que ninguém parece conseguir prever até onde vai, e ninguém parece conseguir travar.

Já lá estava tudo escrito. Nas profecias. Em maio deste ano, pude assistir ao concerto da Tori Amos, em Dublin, onde começou a destapar o seu novo álbum, “In Times of Dragons”. O concerto abre com as poderosas palavras de uma nova canção, “Shush”, onde Tori evoca o silenciamento

a que somos submetidos pelos poderosos, fala de abuso sexual (Jeffrey Epstein claramente aqui presente), e evoca a figura mítica grega de Cassandra – a quem foi dado o dom, pela mão de Apolo, de conseguir profetizar o futuro, mas em quem ninguém acredita. Nos vários temas do novo álbum estão refletidos – mais ou menos metaforicamente –, os tempos sinistros que vivemos. E, em oposição a esses tempos, uma evocação. Ao ouvir o concerto e o disco, veio-me “The Faggots & Their Friends Between Revolutions” à memória. Contra o heteropatriarcado, Tori constrói um universo – mítico e pagão, mas ao mesmo tempo pragmático e atento –, onde é evocada a ideia de comunidade e entreajuda como a única arma possível para fazer a revolução, encabeçada pelos dragões, contra os “homens” de Ramrod. Um universo onde não faltam bruxas gay e sororidade feminina, que nos remete para a necessidade de olharmos para trás, de resgatarmos os ensinamentos utópicos de 70 que Mitchell tão bem plasmou no seu livro. É altura de sabermos ouvir as suas profecias. Como a artista, cineasta e escritora norte-americana, trans e queer, Tourmaline tão bem notou no Prefácio que escreveu para a nova edição do livro: “Os paineleiros recordam-nos que o fracasso é o maior presente que podemos dar a nós mesmos” (p. VIII). E talvez seja altura de nos darmos esse presente de abraçar o fracasso que quase sempre são as utopias. Percebermos que a falha é um elemento estruturante da própria ideia de utopia. Alcançar implica tropeços e retrocessos pelo caminho.

O cinema queer, também ele, ao longo da sua história, teve a necessidade de construir utopias, de idealizar futuros. E foi, também ele, largamente profético. No ano em que o Queer Lisboa celebra o seu 30.º aniversário, sentimos a necessidade de mostrar o futuro que este cinema procurou nos seus momentos de criação e produção. Em lugar de olhar o cinema que o festival viu nascer nestas últimas três décadas, e o qual procurou sempre programar, baseado não apenas nas suas qualidades estéticas e narrativas, mas também pela sua pertinência social e política, quisemos, antes, olhar mais para trás: a antes de 1997, ano em que o festival nasce, em Lisboa. A retrospectiva que este ano organizámos, em colaboração com a Cinemateca Portuguesa (casa do festival desde essa sua primeiríssima edição), propõe um conjunto de filmes que talvez contenham, cada um deles, uma profecia. E, contrariando a condenação de Cassandra, é nossa responsabilidade acreditar no que este cinema tem para nos dizer e ensinar. Estes filmes olharam o seu presente, ao mesmo tempo que imaginaram futuros. Projetaram aquilo que queriam que o (seu) cinema fosse, idealizaram formas de estar no mundo, traçaram modos de olhar a realidade, plasmaram vidas e desejos, imaginaram identidades e construíram comunidades.

(continua na p. 30)

Júri Longas-Metragens



Kathleen Gomes

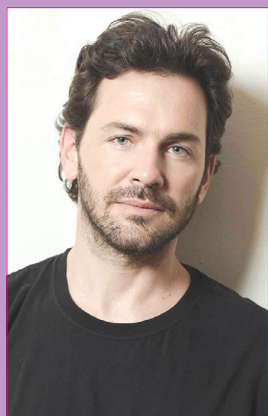
Programadora e gestora cultural. Trabalhou durante quase duas décadas no diário *Público*, designadamente como jornalista cultural, diretora-adjunta do suplemento *Ípsilon* e correspondente internacional nos Estados Unidos e no Brasil. Integrou a equipa de críticos de cinema naquele jornal entre 2000 e 2005. Foi assessora cultural do Primeiro-Ministro entre 2017 e 2024. É autora do livro “O Cerco de S. Bento em 1975: O Princípio do Fim da Revolução” (2025).



©Joana Linda

Maria João Madeira

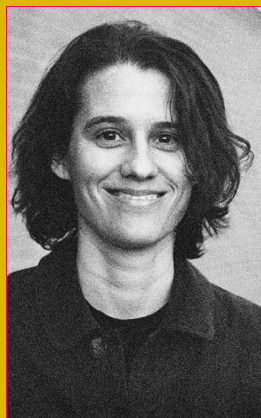
Trabalha em programação de cinema na Cinemateca Portuguesa, em Lisboa, onde nasceu e vive. Dedicar-se à organização de ciclos e retrospectivas, à escrita, à edição de livros e catálogos de programas seus na Cinemateca. Tem publicado sobre cinema noutros contextos. Mantém uma atividade regular de tradução, sobretudo de filmes, mas também literária e ensaística. Fez jornalismo na rádio e licenciou-se em Comunicação Social.



Miguel Nunes

Ator, nascido em Lisboa, em 1988, licenciado pela ESTC. Inicia o seu percurso no cinema sob a direção de Alberto Seixas Santos e de Teresa Villaverde. Em 2016, protagoniza *Cartas da Guerra*, de Ivo M. Ferreira. Trabalhou com realizadores como João Pedro Rodrigues, Inês Teixeira, Rita Nunes, João Botelho, Mónica Lima, Edgar Pêra e Margarida Gil. Em 2018, realiza a sua primeira curta-metragem, *Anjo*. Na televisão e no *streaming* protagonizou a série *Glória* (2021), para a Netflix, que lhe valeu o Prémio de Melhor Ator de Ficção nos Globos de Ouro. Integrou o elenco de diversas séries nacionais e internacionais e detém um extenso percurso em teatro.

Júri Documentários



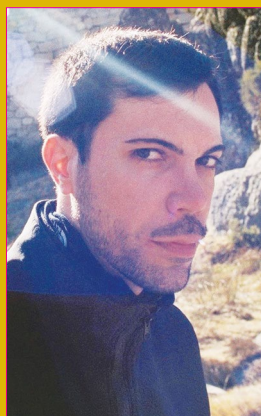
Diana Cipriano

Nasceu em Lisboa, em 1991. Trabalha em distribuição e programação de cinema desde 2012, em Londres e Lisboa. Coordenou a programação do LEFFEST – Lisboa Film Festival durante nove anos, tendo trabalhado também como responsável de distribuição na Leopardo Filmes. Em 2017 começou a trabalhar nas equipas de programação e cópias dos festivais do British Film Institute, tendo mais recentemente sido programadora do BFI London Film Festival. Atualmente integra a equipa de programação do BFI Southbank, sendo também, desde há três anos, programadora do BFI Flare: London LGBTQIA+ Film Festival.



Filipe Santa-Bárbara

Nasceu no Barreiro, em 1989. É jornalista do *Público*, tendo passado também pela televisão e pela rádio, onde fez grande parte da sua carreira. Foi finalista do prémio Gabo, um dos mais importantes do jornalismo ibero-americano, com a série sonora de investigação *Violeta*, sobre a vida de uma mulher trans e migrante, que revelou falhas sistémicas no apoio e no acolhimento em Portugal. Entre as distinções que recebeu pelo seu trabalho, destacam-se o Prémio Gazeta e o de Direitos Humanos e Integração da Comissão Nacional da UNESCO. Dedicar-se sobretudo à política e aos direitos humanos, com especial interesse por questões de género e LGBTQIA+.



Luis Rosado

Nasceu em Lisboa, em 1993. Licenciado em Estudos Artísticos pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, iniciou o seu percurso na produção de festivais de cinema, em particular na MONSTRA, experiência que o levou até Tóquio para colaborar num festival local. Posteriormente, esteve envolvido na programação estratégica de salas de cinema, antes de transitar para a televisão. Integra, desde 2025, a equipa de planeamento editorial da RTP2, mantendo uma ligação próxima e contínua ao universo cinematográfico e documental.

Júri Queer Art



©Leo Lara

Leonardo Mouramateus

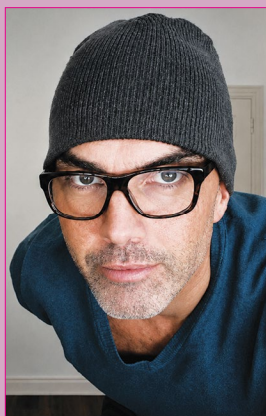
Realizador, dramaturgo e guionista brasileiro. Trabalha entre Lisboa e Fortaleza, cidade onde nasceu e em que realizou uma dezena de curtas produzidas coletivamente, exibidas em festivais como Locarno, Roterdão, Cinéma du Réel e Brasília. Doutorando em Artes Performativas e da Imagem em Movimento (Universidade de Lisboa/Instituto Politécnico), é Mestre em Arte Multimédia pela FBAUL. A sua obra foi alvo de retrospectivas na Cinemateca Francesa e em festivais na Colômbia, em Portugal e nos Países Baixos. Realizou as longas-metragens *António Um Dois Três* (2017), *A Vida São Dois Dias* (2022) e *Greice* (2024).



©Pedro Jafuno

Marta Mestre

Curadora e investigadora em arte contemporânea, formada em História da Arte e em Cultura e Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa e pela Université d'Avignon. Viveu no Brasil entre 2010 e 2019, onde foi curadora no Instituto Inhotim, na Escola do Parque Lage e no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, consolidando uma pesquisa sobre arte contemporânea à escala global. Atualmente é curadora do MAC/CCB, Lisboa, tendo sido diretora artística do CIAJG, Guimarães (2020–24), com exposições no S.M.A.K., Ghent, e no Sesc Pompéia, São Paulo, entre outras instituições.



Matthias Müller

Cineasta e artista alemão, nascido em 1961, em Bielefeld. Os seus filmes, incluindo *Home Stories*, *Aus der Ferne – The Memo Book*, *Sleepy Haven* e *Pensão Globo*, contam-se entre as contribuições mais experimentais para o cinema queer. Desde o final da década de 1980, tem combinado imagens de arquivo, cinema-ensaio e reflexão autobiográfica para criar explorações multifacetadas do desejo, da memória, da identidade e da história do cinema. As suas obras, multipremiadas, foram exibidas em festivais como Cannes, Veneza e Berlim, e expostas em museus de todo o mundo. É professor na Academia de Artes Multimédia de Colónia.

Júri Curtas-Metragens



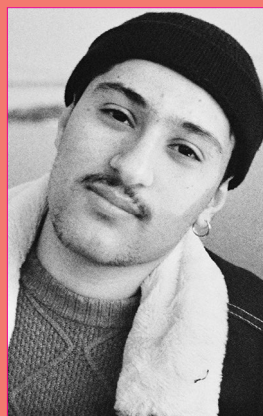
Aline Belfort

Nascida em Fortaleza, Brasil, em 1991. Atua entre a cinematografia, a realização e a fotografia. A sua formação em performance influencia a forma como constrói imagens, não apenas como composições, mas como acontecimentos guiados pelo movimento, pela intenção e pela emoção. É graduada em Cinematografia pelo Russian Film Institute (VGIK), em Moscovo (2011–2016), e detém mestrado em Direção de Fotografia pelo Kino Eyes Movie Master (2019–2021). Em 2021, concluiu o Programa Avançado de Criação em Artes Performativas (PACAP) no Fórum Dança, em Lisboa, aprofundando a sua pesquisa na relação entre movimento de câmera, dança e performance.



Caio Amado Soares

Artista e cineasta, formado pela FBAUL e pela UdK Berlin. Desenvolve através do seu trabalho um universo visual *camp* onde se permite imaginar e dar a imaginar – através de oficinas de criação coletiva –, um mundo não hierárquico. Realizou a websérie *Club Splendida* (2019), a curta-metragem *Peripécias no Espaço* (2025), e encontra-se a concluir o seu novo projeto *47 Anos são 17.166 Dias – An Underwhelming Timelapse*. Trabalha ainda como colorista, designer gráfico e de efeitos visuais, tendo colaborado com Marit Östberg, Ian Kaler, Mónica Martins Nunes, Jumana Manna, Zara Zandieh, entre outros.



Lou Loução

Cineasta e artista multidisciplinar. Montadora, programadora e distribuidora, desenvolve desde 2018 curtas-metragens e ensaios fotográficos que exploram questões queer, raciais, políticas e climáticas. Ativista queer e afrodescendente, é, desde 2025, coordenadora de Marketing e Distribuição da Zero em Comportamento. Integra ainda a direção da MUTIM e a equipa de programação da MICAR – Mostra Internacional de Cinema Anti-Racista, além de várias mostras e ciclos de cinema.

Noite de Abertura

The Man I Love

Depois dos magníficos *Passages* e *Peter Hujar's Day*, ambos exibidos no Queer Lisboa, Ira Sachs estreia *The Man I Love*, completando uma trilogia informal que, junto à sua prolífica filmografia anterior, o afirma como uma voz incontornável que sabe olhar o legado do New Queer Cinema, trazendo-o para os dias de hoje. Rigoroso maestro de um cinema de construção de personagem, Sachs é igualmente virtuoso na dinâmica do *ensemble*, como é prova esta sua nova obra maior. Com cenário na Nova Iorque de finais dos anos 1980, em plena epidemia da sida, Rami Malik interpreta Jimmy, um *performance artist* seropositivo, acabado de sair de um internamento por pneumonia, que procura agarrar a vida no palco, oferecendo o corpo a Carmen, numa adaptação *camp* do filme de 1974 de André Brassard, *Il Etait un Fois Dans L'Est*. Mas o corpo de Jimmy falha, e a mente escapa-lhe. Dennis, companheiro e cuidador, Vincent, vizinho e escape de desejo, e a irmã Brenda, são a rede de apoio, nesta eximamente escrita celebração de um lugar e de um tempo que deveriam ter sido eletrizantes, mas foram devastados pela epidemia. *The Man I Love* é uma ode ao afeto, ao desejo, à comunidade e à memória. João Ferreira

Ira Sachs (EUA, França, 2026, 95')
Fic. VO inglesa, leg. em português. M/16

Sexta-feira 18 setembro
Sala Manoel de Oliveira, 21h00



Noite de Encerramento

Tangles

Antes de existir na sua forma animada, *Tangles* foi uma novela gráfica. Sarah Leavitt, autora do livro e coargumentista do filme, quis falar da doença de Alzheimer que atacou a sua mãe e fez estremecer toda a família. Leah Nelson foi uma leitora fervorosa de Leavitt, e quis adaptar a novela mantendo o desenho a preto e branco e o largo espectro emocional que lhe eram característicos. *Tangles* é a história de uma filha que suspende um primeiro amor sério para se dedicar a uma jornada de cuidado e despedida. E é justo pensar que a animação pôde ir aonde, por decoro, a imagem real talvez não fosse: é um filme de grande elasticidade expressiva, que primeiro mostra uma mãe super-heroína, e depois não teme retratar os *mood swings*, o alheamento, a degradação física. Os diálogos vívidos e inteligentes, e um elenco de vozes que inclui Julia Louis-Dreyfus, Sarah Silverman, Bryan Cranston e Seth Rogen, aliam-se à imagem e fazem de *Tangles* uma animação envolvente, permeada de humor e pungência na construção de idiossincrasias familiares e individuais. É, à primeira vista, um filme sobre a inclemência da doença degenerativa, mas é também uma belíssima homenagem à relação mãe e filha, e ao improvável florescimento de novos planos nessa relação. Constança Carvalho Homem

Leah Nelson (EUA, 2026, 94')
Anim. VO inglesa, leg. em português. M/16

Sábado 26 setembro
Sala Manoel de Oliveira, 21h00



Amarga Navidad

Após a sua incursão internacional com *O Quarto ao Lado*, a narrativa mais convencional entre as últimas obras do realizador, Almodóvar regressa aos guiões complexos. E regressa também a um dos seus temas preferidos: a autoficção. Se em filmes como *Má Educação* ou *Abraços Partidos* tinha começado a flertar com o tema, foi com *Dor e Glória* onde assumiu abertamente falar sobre si próprio. Mas se naquela obra-prima se notava um Almodóvar condescendente consigo mesmo, talvez demasiado vítima da sua própria lenda, aqui algo mudou: ele é o seu próprio inimigo, um vilão que vem acertar contas com o *alter ego* do seu talento. Nesse sentido, *Natal Amargo* é um filme estranho e tortuoso, cheio de miragens, remorsos e duplos sentidos. Um Almodóvar sentado no divã do psicanalista, a brincar com as oscilações das suas personagens, a questionar os desvios onde a sua própria escrita os coloca. É também a obra com a qual reafirma um estilo extremamente depurado que, liberado de exageros estéticos, se concentra em apostar o seu impacto emocional numa despidada dança de primeiros planos. **Cristian Rodríguez**

Pedro Almodóvar (Espanha, 2026, 112')
Fic. VO espanhola, leg. em português. M/16

Domingo 20 setembro
Sala Manoel de Oliveira, 22h00



Teenage Sex and Death at Camp Miasma

Há pouco de novo que se possa dizer sobre o filme-consagração de Jane Schoenbrun (*I Saw the TV Glow*, 2024), tal tem sido a torrente de críticas e análises desde a sua estreia em Cannes. Em comum, está a certeza de que se trata de um clássico imediato do cinema queer e um dos filmes do ano – para quem esteja a prestar atenção. E por mais que o ainda-virgem-espectador já tenha devorado uma quantidade ímpia de conteúdos *online* à boleia de um muito saudável fascínio pelas suas atrizes principais – Hannah Einbinder e Gillian Anderson – não há nada que o prepare ou realmente lhe antecipe o universo simultaneamente estranho, hipnotizante, hilariante, sexy e *gore* que o espera. Um *meta-slasher-movie*, desprovido de qualquer susto, a não ser aquele que condiciona o desejo sexual, em particular o feminino, *Camp Miasma* implora um despertar sexual para uma geração a braços com a intimidade. Tudo isto partindo de uma premissa simples: Kris, uma jovem realizadora, está determinada a fazer regressar ao ecrã a atriz dos seus sonhos. O cinema, transgressor e transcendente, como gatilho para tanto. **Ana David**

Jane Schoenbrun (EUA, Canadá, 2026, 112')
Fic. VO inglesa, leg. em português. M/16

Sábado 19 setembro
Sala Manoel de Oliveira, 22h00



Competição Longas-Metragens

Caminhos pedregosos, difíceis de atravessar, ou sortes já marcadas. A ideia de destino atravessa os oito filmes que integram este ano a competição de longas-metragens. Todos falam de percursos de aceitação, de rotas secundárias ou de decisões de vida perante as quais as figuras centrais das histórias se confrontam com um rumo a tomar.

Começamos por uma estonteante revelação chamada Marine Atlan: se em 2018 a realizadora já nos conquistou com a sua média-metragem *Daniel fait face*, agora corrobora a sua mestria com um fresco sobre as intermitências da juventude, chamado *La Grativa*. É a confirmação de que, para além de ser a diretora de fotografia favorita da mais fresca geração de cineastas franceses (Jonathan Vinel, Caroline Poggi, Alexis Langlois), estamos perante uma realizadora total que chegou a isto do cinema para dar cartas. Também primeira longa e também sobre um grupo de adolescentes no liceu, *Black Burns Fast* é a apresentação oficial de Sandulela Asanda. A realizadora queria plasmar a diversidade sexual no continente africano de uma forma alegre e colorida, e não há dúvida de que, nesta narrativa descomplexada que se sente como uma lufada de ar fresco, o consegue sem dificuldades.

Estrany Riu é, ainda, mais uma história sobre descobrimentos e aprendizagens, sobre a juventude como fonte de futuro e tesouro de palpitações segredos. O argumento do primeiro filme do catalão Jaume Claret Muxart aparece atravessado pelo rio Danúbio, e acaba por fluir como tal, um caudal com força própria, de sensibilidade rara e olhar cristalino. Na segunda

longa-metragem do filipino Ryan Machado, a natureza também surge como reflexo do interior do seu protagonista: com um requintado desenho sonoro, *Raging* fala-nos sobre silêncios e traumas, mas fá-lo, inteligentemente, sem sensacionalismos, obrigando-nos a confrontar o desconhecimento e a inação antes de nos pedir que sejamos testemunhas da violência do relato.

O amor é o impulso nas engrenagens de outras duas consistentes primeiras obras: em *Iván & Hadoum*, Ian de la Rosa convida-nos a ser partícipes de um enredo à “Romeu e Julieta” que conquista pela sua empatia à flor da pele (atenção à conexão terrenal que denunciam as cenas de sexo, com as personagens sempre deitadas na terra, na rocha, na relva, no chão); enquanto em *Julian*, Cato Kusters propõe um ativismo do amor comandado por duas atrizes em estado de graça. Ambos os títulos prometem não deixar indiferente a quem tenha um coraçãozinho a pulsar no peito.

Merecem ainda destaque duas obras sobre marginalizados ou esquecidos pela sociedade. Por um lado, a esperada revelação do brasileiro Victor Di Marco, com *London*, assinada junto ao seu parceiro na realização, Márcio Picoli, um filme politicamente necessário por várias razões, mas sobretudo pela sua absoluta falta de medos e preconceitos ao abordar a vivência das pessoas com deficiência. E, por último, mas não menos importante, *En el Camino*, filme arrojado no seu tratamento das vulnerabilidades masculinas, onde o mexicano David Pablos parece querer ensinar aos seus protagonistas que não existe trajeto possível, que o caminho se faz ao andar. **Cristian Rodríguez**

Black Burns Fast

A adorável e aplicada *nerd* Luthando está no bom caminho para ter um ano letivo normal, no prestigiado internato onde estuda, graças a uma bolsa de estudo. A chegada de uma nova aluna à sua turma desperta desejos reprimidos, que ameaçam as suas relações e tudo o que ela pensava que sabia sobre si própria.

Sandulela Asanda (África do Sul, 2025, 96')
Fic. VO inglesa e xhosa, leg. em inglês e português. M/16

Quarta-feira 23 setembro
Sala Manoel de Oliveira, 16h15



En el Camino

Veneno, um jovem rebelde e errante, frequenta restaurantes de beira de estrada onde dorme com camionistas. A necessidade urgente de uma boleia fá-lo conhecer Muñeco, um motorista de temperamento duro e muito reservado. Convence Muñeco a mergulhá-lo no interior do mundo hipermasculino dos camionistas de longo curso do norte do México. À medida que viajam juntos e uma intimidade inesperada se desenvolve entre eles, sombras do passado de Veneno ressurgem, colocando as vidas de ambos em risco.

David Pablos (México, 2025, 93')
Fic. VO espanhola, leg. em inglês e português. M/18

Sexta-feira 25 setembro
Sala Manoel de Oliveira, 22h00



Competição Longas-Metragens

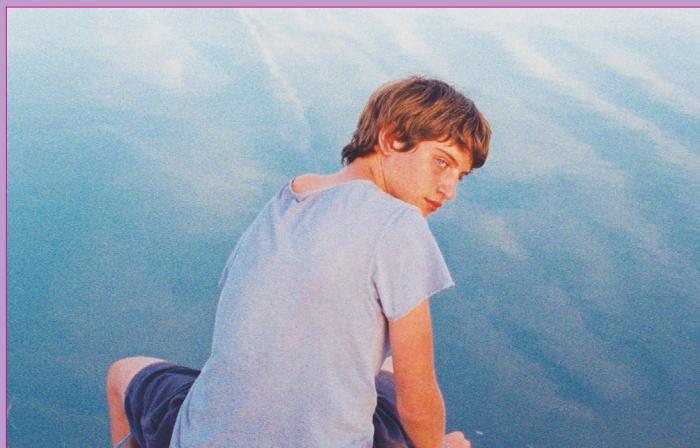
Estrany Riu

Dídac, de dezasseis anos, e a sua família passam as férias de verão numa viagem de bicicleta ao longo do Danúbio. Um encontro inesperado com um rapaz altera o rumo da viagem, com a sua presença enigmática a despertar novos sentimentos em Dídac e a perturbar a sua relação com a família.

* Esta sessão conta com a presença de Jaume Claret Muxart

Jaume Claret Muxart (Espanha, Alemanha, 2025, 105')
Fic. VO catalã e alemã, leg. em inglês e português. M/16

Quinta-feira 24 setembro
Sala Manoel de Oliveira, 19h00

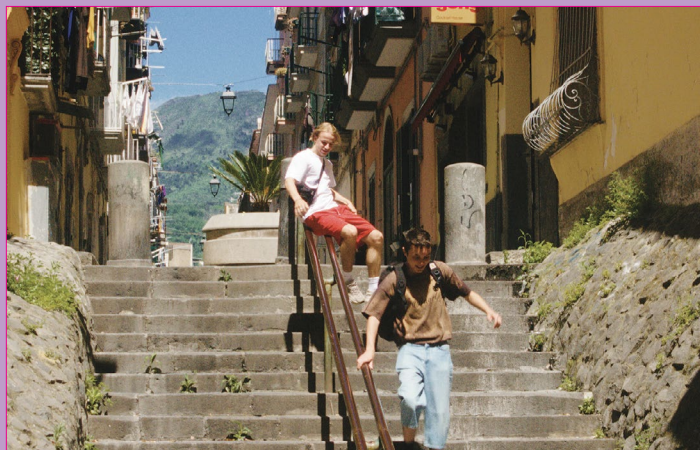


La Gradiva

Um grupo de estudantes franceses do secundário viaja até Nápoles numa visita de estudo, à descoberta das Ruínas de Pompeia e dos corpos petrificados pelo Vesúvio. Uma vez lá, são atraídos para uma espiral descendente. Um por um, são tomados pelo desejo e pela zanga, até se renderem por completo a ambos.

Marine Atlan (França, Itália, 2026, 145')
Fic. VO francesa e italiana, leg. em inglês e português. M/16

Domingo 20 setembro
Sala Manoel de Oliveira, 16h15



Iván & Hadoum

Numa estufa no sul de Espanha, Iván apaixona-se por Hadoum, colega de trabalho recém-contratada. Mas a sua tão esperada promoção interfere na relação dos dois, obrigando-o a decidir que tipo de pessoa quer ser.

Ilan de la Rosa (Espanha, Alemanha, Bélgica, 2026, 100')
Fic. VO espanhola e árabe, leg. em inglês e português. M/16

Segunda-feira 21 setembro
Sala Manoel de Oliveira, 22h00



Competição Longas-Metragens

Julian

Após um encontro inesperado, Fleur e Julian apaixonam-se perdidamente. Pouco depois de Julian a ter pedido em casamento, uma ideia ambiciosa, mas desafiante, começa a surgir na mente de Fleur. Lentamente, mas com determinação, elabora um plano para casar em todos os países onde tenham permissão para o fazer. Impulsionadas pelo seu amor e por um crescente sentimento de urgência, dão um salto de fé.

Cato Kusters (Bélgica, Países Baixos, 2025, 91')

Fic. VO francesa, inglesa e neerlandesa, leg. em inglês e português. M/16

Sábado 19 setembro

Sala Manoel de Oliveira, 16h15



London

London, um jovem adulto com deficiência, que trabalha num clube fetichista, tem de optar entre os diagnósticos médicos que poderiam definir a sua identidade e a obstinada independência que tanto lutou para conquistar.

* Esta sessão conta com as presenças de Victor Di Marco e Márcio Picoli

Victor Di Marco, Márcio Picoli (Brasil, 2026, 90')

Fic. VO portuguesa, leg. em inglês. M/16

Quinta-feira 24 setembro

Sala Manoel de Oliveira, 22h00



Raging

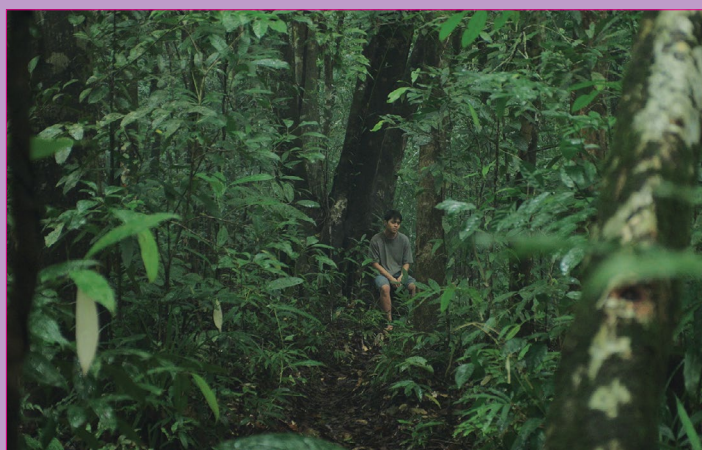
A paisagem exuberante, mas devastada, da Ilha de Sibuyan, nas Filipinas, em meados da década de 1990. Eli é um jovem reservado que carrega o peso de um trauma que a sua comunidade se recusa a reconhecer. Depois de sobreviver a uma agressão sexual por parte de um colega, um acontecimento que as autoridades locais e os amigos descartaram como nada mais do que brincadeiras de miúdos, ele refugia-se num mundo de silêncio e isolamento. Quando testemunha um misterioso acidente de avião nas montanhas densamente arborizadas da ilha, a sua tentativa de alertar os outros é recebida com a mesma incredulidade que acolheu a sua anterior revelação.

Ryan Machado (Filipinas, 2025, 87')

Fic. VO filipina e romblomanon, leg. em inglês e português. M/16

Terça-feira 22 setembro

Sala Manoel de Oliveira, 16h15



Competição Documentários

A competição prioriza primeiras obras e artistas emergentes, ao mesmo tempo que abre territórios físicos e estéticos muito diversos. Em *Baby Jackfruit* *Baby Guava*, as expectativas da classe média vietnamita são testadas pela esquizofrenia da filha, pela homossexualidade irreprimível do filho, pelo nascimento de um neto. NÔNG NHẬT QUANG narra e protagoniza este objeto *lo-fi*, que percorre generosamente diários e correspondência, tanto como zangas, lamentos e novos entendimentos. A família é também o pano de fundo de *Corren las Liebres*, de Lorena Ros. Na periferia de Barcelona, a realizadora visita Noa e as suas amigas; oferece um olhar franco sobre a acumulação de marginalidades, o desabrigo da população trans ex-presidiária, e a solidariedade como única resposta. Por sua vez, *La belle année*, de Angelica Ruffier, acompanha o arco temporal de dois lutos. Ao desfazer a casa do pai, a realizadora descobre escritos e colagens da adolescência: ali está a aurora do seu fervor erótico e afetivo – Mademoiselle Bresson, sua professora. Um filme magnético que, abraçando imagens persistentes do cinema mudo europeu, mostra o amor como identificação, assombração, reencontro. Pertença e irreverência são chão comum de dois filmes. *Virages*, de Céline Carriroit e Aline Suter, é um retrato encenado de Johanna Schopfer. Há algo de inicial na sua atitude e no verão que testemunhamos. Um velho Carocha, praticamente uma extensão da sua pessoa, serve para um ajuste de contas com as feridas da transição e reaviva a sua paixão pelo automobilismo. Já *Two Mountains Weighing Down my Chest*, de e com Viv Li, acompanha a artista

numa exploração identitária. Em contexto pós-pandémico, Li deixa emergir as cisões que caracterizam uma jovem chinesa exposta à cultura libertária da cidade de Berlim. Um filme que usa a auto-depreciação para perguntar: é possível ser-se um indivíduo ou apenas viver a permeabilidade? Falemos ainda das imagens como tema. Joan Porcel constrói um híbrido em *La Carn*, cruzando o espetáculo homónimo de Lluís Garau com a temática do *stalking* e o terror psicológico. Se Garau interage com homens no Chatroulette e faz deles participantes involuntários, Garau personagem tem no Chatroulette um vício privado que o expõe à predação. Progride em crescendo, este filme onde o esbater da fronteira entre público e privado é parte vertiginosa do jogo. Em *La face cachée de la terre*, Arnaud Alain estabelece um diálogo terno com o seu sujeito, Dimitri. Partilham um itinerário fotográfico, conversam sobre a reorganização sensível de alguém que encara a perda total de visão e um tempo limitado para criar. Entre Paris e Nova Iorque, vislumbres de chemsex, encontros com amigos, a amargura da deficiência adquirida. Por último, *Public Access*, de David Shadrack Smith, é uma apaixonada retrospectiva da criação participada nos canais públicos da tv por cabo norte-americana. Estes canais acompanharam as convulsões das décadas de 70, 80 e 90, e foram decisivos para democratizar, flexibilizar formatos, e veicular um discurso informado, lúdico e pedagógico em torno da sexualidade. “It was amazing that we could see ourselves”, ouvimos a certa altura dizer, e sabemos bem porquê. Constança Carvalho Homem

Baby Jackfruit Baby Guava

Quando um bebé não planeado, com a alcinha de Guava, entra nas vidas da conservadora mãe Cuc, da filha neurodivergente Mai, e do filho gay e ausente NÔNG, o trio faz uma viagem ao passado através dos diários e fotografias de família. Na sua longa-metragem de estreia, NÔNG cria uma cápsula do tempo para Guava, na qual a reparação de laços quebrados e a preparação de um novo ciclo de maternidade possam abrir caminho à aceitação.

NÔNG NHẬT QUANG (Vietname, Coreia do Sul, 2026, 105')
Doc. VO vietnamita e inglesa, leg. em inglês e português. M/16

Domingo 20 setembro
Sala 3, 21h45



La belle année

Enquanto esvazia a casa do seu falecido pai, de quem vivia afastada, Angelica redescobre os seus próprios diários de adolescência, reavivando um primeiro amor secreto, num documentário autobiográfico onde o luto, a memória e o desejo se entrelaçam.

Angelica Ruffier (Suécia, Noruega, 2026, 95')
Doc. VO francesa, sueca e inglesa, leg. em inglês. M/16

Segunda-feira 21 setembro
Sala Manoel de Oliveira, 16h15



Competição Documentários

La Carn

Lluís Garau cria um espetáculo de dança intitulado “La Carn”, no qual explora o universo do Chatroulette, uma plataforma online de encontros aleatórios, que o liga a pessoas de qualquer parte do mundo. Enquanto alterna a digressão da performance com o inverno em Maiorca, na casa dos pais, esta obsessão pelo mundo online cresce e torna-se turbulenta quando conhece, na plataforma, um homem misterioso que vive muito perto de si.

* Esta sessão conta com a presença de Joan Porcel

Joan Porcel (Espanha, 2025, 84')

Docufic. VO espanhola, catalã e inglesa, leg. em inglês. M/18

Terça-feira 22 setembro

Sala 3, 21h45



Corren las Liebres

Após cumprir uma sentença de 10 anos, Noa, uma mulher trans de etnia cigana, de 48 anos, procura refazer a sua vida e recuperar a custódia dos filhos, entretanto sob tutela do Estado. Mas para o conseguir, precisa de uma casa e está prestes a ser despejada da sua. Entre precariedade e resiliência, a solidariedade, amizade, arte e humor ajudam-na a seguir caminho.

* Esta sessão conta com a presença de Lorena Ros

Lorena Ros (Espanha, 2025, 71')

Doc. VO espanhola e catalã, leg. em inglês. M/16

Quinta-feira 24 setembro

Sala 3, 21h45



La face cachée de la terre

Dimitri adora fotografar as pessoas à sua volta. Mas há já anos que as imagens se vão desvanecendo da sua visão. Ele sabe que, um dia, deixará de ver. O documentário acompanha-o pelas ruas de Paris, Nova Iorque e outros locais; enquanto ele capta os seus objetos, a câmara de filmar capta-o a ele. Ao longo do caminho, o realizador e o seu protagonista encontram amigos, incluindo Pierre, que perdeu a visão há vinte anos, mas também amantes e estranhos, encontrados por casualidade ou durante uma sessão fotográfica.

Arnaud Alain (França, 2026, 68')

Doc. VO francesa, leg. em inglês. M/16

Sexta-feira 25 setembro

Sala 3, 18h45



Competição Documentários

Public Access

Esta é a história nunca contada dos canais de televisão que estilhaçaram normas, subverteram os media, e anteviram o mundo de hoje. Raras imagens de arquivo da cena alternativa de Nova Iorque plasam todo um universo de aspirantes a celebridades que transformaram essas televisões em espaços inovadores de autoexpressão, e que continuam a moldar as batalhas contemporâneas de acesso a plataformas, poder e liberdade de expressão.

David Shadrack Smith (EUA, 2026, 107')
Doc. VO inglesa, leg. em inglês. M/16

Sábado 19 setembro
Sala 3, 16h00



Two Mountains Weighing Down my Chest

Uma aspirante a artista, chinesa, dividida entre a avassaladora cena cultural alternativa de Berlim e uma família tradicional em Pequim, está constantemente a adaptar-se às voláteis opiniões sobre si própria, o mundo e, claro, a China. Numa busca espirituosa, mas perspicaz, pela identidade e pelo sentimento de pertença, o filme mergulha profundamente em sociedades em forte contraste, apenas para questionar: como vivemos num mundo globalizado, mas polarizado?

Viv Li (Alemanha, Países Baixos, 2026, 85')
Doc. VO inglesa, mandarim e alemã, leg. em inglês. M/16

Sexta-feira 25 setembro
Sala 3, 21h45



Virages

É verão em Genebra e Johanna não foi de férias. Ela trabalha na linha de montagem de uma fábrica de relógios de luxo. Ao considerar livrar-se do seu velho Carocha, decide antes trazê-lo de volta à vida e enfrentar de frente o mundo da mecânica automóvel, que outrora a rejeitou.

* Esta sessão conta com as presenças das cineastas Céline Carridroit e Aline Suter, do produtor Aurélien Marsais e da protagonista Johanna Schopfer

Céline Carridroit, Aline Suter (Suíça, França, 2026, 89')
Docufic. VO francesa e espanhola, leg. em inglês. M/16

Quarta-feira 23 setembro
Sala 3, 21h45



Competição Queer Art

O que seria do cinema queer sem as suas obras mais desalinhadas? O Queer Art é a secção por excelência dos mais recentes filmes que exploram os limites das linguagens e géneros cinematográficos, nos quais os aspetos mais transgressivos da cultura queer são visíveis. Entre a ficção, o documentário e o registo híbrido, estes oito filmes interrogam os limites da vivência em sociedade, da psique humana e do desejo. Apresentado aqui em estreia mundial, *Life Is about Losing Everything*, dos irmãos Benjamin e Stefan Ramírez Pérez, adapta o universo fantástico das memórias autoficcionais inscritas na obra homónima da poetista e escritora canadiana Lynn Crosbie (n. 1963). Assinado por seis cineastas, *Joy Boy: a Tribute to Julius Eastman* invoca o espírito e a obra do pioneiro compositor, pianista, vocalista e ativista afro-americano Julius Eastman (1940–1990) em quatro vinhetas que fundem a dança, o teatro, as artes visuais e a música — do pop, ao jazz, ao avant-garde — para prestar homenagem a esta figura marcante da cena artística da baixa nova-iorquina dos anos 70/80. Igualmente um objeto híbrido, *Uchronia: Parallel Histories of Queer Revolt*, do artista grego Fil Ieropoulos, aborda uma obra do poeta Arthur Rimbaud e o seu século XIX para propor uma viagem psicadélica que considera os paralelos entre esses tempos e a realidade política atual, a braços com o extremismo de direita. Subtilmente sob o signo de Clarice Lispector, *A Paixão segundo G.H.B.*, coassinado por Gustavo Vinagre e Vinicius Couto, faz uso dos códigos do documentário para encenar um

huis clos, num anónimo apartamento paulista, que por acumulação se vai metamorfoseando num encontro de *chemsex*. Em *Desire Lines*, o cinema-paisagem do cineasta bósnio Dane Komljen segue um homem no encalce do seu irmão pelas ruas de Belgrado, transportando o espectador por uma fábula onírica e inquieta. Vencedora do Queer Lisboa 18 com *Something Must Break*, Ester Bergsmark regressa ao formato da longa-metragem com um ensaio performativo e profundamente pessoal: *A Sweetness from Nowhere* parte de um episódio de assédio transfóbico para traduzir em matéria cinematográfica uma reflexão-*statement* sobre trauma e sobre reconquista pelo desejo de viver. No documentário *Nuestro Cuerpo Es una Estrella que Se Expande*, os irmãos Semillites e Tania Hernández Velasco embarcam numa viagem pela natureza mexicana e pelos seus corpos, um deles em transição, traçando um retrato familiar comovente. Em luta com o mundo estão os corpos queer das personagens de *Não Resta Nada*, cuja narrativa em torno de um assustador mistério lembra um *Punishment Park* especulativo. A primeira longa-metragem de ficção do português André Godinho, vencedor do prémio do público e do júri das curtas-metragens com *Uma Rapariga Imaterial* em 2022, tem aqui a sua estreia mundial, em casa. O Queer Art deste ano insiste no terreno fértil que é a imaginação de universos paralelos, ou simplesmente de *glitches* naquele em que vivemos, para pensar as questões do nosso tempo, incorrendo simultaneamente numa homenagem, mais ou menos explícita, às artes. Ana David

A Sweetness from Nowhere

Quando não há outra saída, faz-te de morta — uma tática que partilhamos com as medusas. Em 2011, em Berlim, um grito assombroso desencadeia um percurso de sobrevivência. No cerne do filme está uma história de desejo, de reencontrar o caminho de volta à vida depois de ficar presa num estado de paralisia. Através da fantasia, do corpo e de ligações inesperadas entre o tempo, a natureza e a cura, o filme desenrola-se. É uma exploração alegre e uma busca curiosa, entrelaçada com três fios condutores: ensaio documental, factos poéticos e fábula evocativa.

Ester Bergsmark (Suécia, 2026, 81')
Doc. Ens. VO sueca e inglesa, leg. em inglês. M/16

Sábado 26 setembro
Sala 3, 16h00



Desire Lines

Branko não consegue dormir. Há algo de estranho no seu irmão, mas não tem com quem falar sobre isso. Branko segue-o pelas vielas e parques da cidade, acompanhando cada um dos seus passos. A cada esquina que vira, uma terrível percepção assombra-o: não é o seu irmão que é estranho. É ele próprio.

Dane Komljen (Sérvia, Bósnia-Herzegovina, Países Baixos, Croácia, Alemanha, 2025, 107')
Fic. VO servo-croata, eslovena e árabe, leg. em inglês. M/16

Segunda-feira 21 setembro
Sala Manoel de Oliveira, 19h00



Competição Queer Art

Joy Boy: a Tribute to Julius Eastman

Uma constelação de expressões cinematográficas, coreográficas e sonoras inspiradas na vida e obra do revolucionário músico e ativista Julius Eastman. A sua música — que ele descrevia como 'orgânica' — era conhecida pela sua estrutura lenta e cumulativa, apresentando frequentemente títulos com forte carga política, marcando tanto uma postura composicional radical como um gesto político intransigente. Desenrolando-se ao longo de quatro capítulos dedicados a quatro peças musicais, o filme é entrelaçado por uma montagem em camadas da voz de Eastman — interlúdios que ligam cada parte e ecoam a sua presença visionária.

Mawena Yehouessi, Fallon Mayanja, Rob Jacobs, Victoire Karera Kampire, Paul Shemisi, Anne Reijniers (Bélgica, República Democrática do Congo, França, 2026, 63')
Exp. VO inglesa, leg. em inglês. M/16

Quinta-feira 24 setembro
Sala Manoel de Oliveira, 16h15



Life is about Losing Everything

Um documentário híbrido que combina, em partes iguais, o retrato de uma artista feminista e um livro de memórias fantástico, explorando a perda e o amor através da perspetiva da cultura pop e da arte. Baseado nas memórias homónimas da poetisa canadiana Lynn Crosbie, o filme acompanha várias encarnações ficcionais de Crosbie à medida que estas embarcam numa viagem delirante pelas memórias e imaginação da escritora, encontrando pelo caminho sócias de celebridades, um homem com uma polegada de altura, misteriosos alunos do ensino secundário e uma Sylvia Plath Zombie. Recorrendo a uma profusão de referências pop e literárias, o filme reflete sobre o papel da arte e da narrativa na busca de afinidades e na atribuição de significado às nossas vidas.

* Esta sessão conta com as presenças dos cineastas Benjamin Ramírez Pérez e Stefan Ramírez Pérez, da diretora de arte Johanna Senger e do diretor de fotografia Paul Faltz

Benjamin Ramírez Pérez, Stefan Ramírez Pérez (Alemanha, Países Baixos, 2026, 100')
Doc. Exp. VO inglesa e francesa, leg. em inglês. M/16

Quinta-feira 24 setembro
Sala 3, 18h45



Não Resta Nada

Um grupo de pessoas queer é raptado e largado no meio do nada. Será um campo de concentração? Foram deixadas a apodrecer? Ou estão ali para serem caçadas? Quando não resta nada, a única coisa que podemos fazer é encontrar a nossa maneira de resistir.

* Esta sessão conta com a presença de André Godinho e equipa do filme

André Godinho (Portugal, 2026, 126')
Fic. VO portuguesa, leg. em inglês. M/16

Terça-feira 22 setembro
Sala Manoel de Oliveira, 19h00



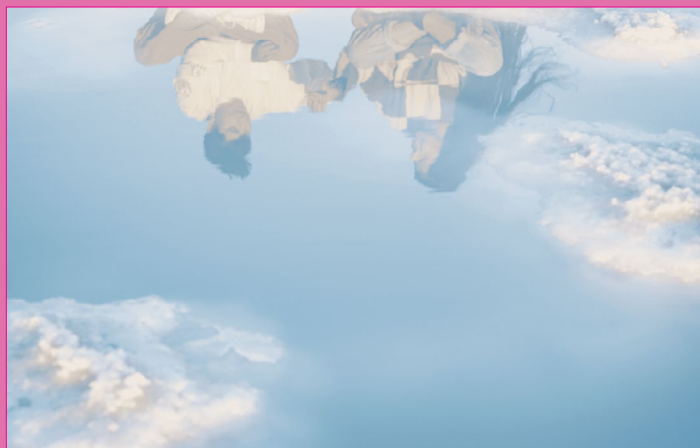
Competição Queer Art

Nuestro Cuerpo Es una Estrella que Se Expande

Semillites e Tania, irmãos queer unidos por uma forte amizade, percorrem o terreno pardo dos seus próprios corpos, terras que outrora rejeitaram. Atravessam paisagens de pele, sonhos e vísceras, entrando em lugares que pulsam com a memória da sua família. Ao longo do caminho, encontram uma constelação de parentes e antepassados (a mãe, o pai, a avó, mas também flores, gafanhotos e fósseis) que os orientam na reimaginação da identidade para além das narrativas coloniais do México.

Semillites Hernández Velasco, Tania Hernández Velasco (México, 2025, 84')
Doc. Ens. VO espanhola e inglesa, leg. em inglês. M/16

Terça-feira 22 setembro
Sala 3, 16h00



A Paixão segundo G.H.B.

Um encontro casual transforma-se num *ménage à trois*; o *ménage à trois* transforma-se numa orgia. Nesta odisseia gay de realismo mágico no quarto, Matias relembra os seus encontros passados e reflete sobre o seu futuro, enquanto conversa com uma figura fictícia da literatura brasileira.

* Esta sessão conta com a presença de Vinicius Couto

Gustavo Vinagre, Vinicius Couto (Brasil, 2026, 82')
Fic. VO portuguesa, leg. em inglês. M/18

Quarta-feira 23 setembro
Sala 3, 18h45



Uchronia: Parallel Histories of Queer Revolt

Inspirado no “Uma Temporada no Inferno”, de Arthur Rimbaud, e produzido por Charlie Kaufman, *Uchronia* convida-nos a conhecer o fantasma do poeta francês, que embarca numa aventura de viagem no tempo. As suas visões delirantes transformam-se em portais que se abrem para linhas temporais alternativas – ou ‘ucronias’. Rimbaud tem a oportunidade de conhecer figuras revolucionárias como Emma Goldman, David Wojnarowicz e Marsha P. Johnson. Juntas, exploram a possibilidade de mudança social e refletem sobre o significado da revolução em tempos de desilusão.

Fil Ieropoulos (Grécia, Países Baixos, 2026, 97')
Doc. Ens. VO inglesa e francesa, leg. em inglês. M/16

Segunda-feira 21 setembro
Sala 3, 21h45



Competição Curtas-Metragens

Inerente à construção de um programa de novas curtas-metragens de um festival de cinema temático está a vontade de apresentar uma seleção o mais ampla e múltipla possível desse tema. No caso, o que é isso de ser queer? Tanta coisa. Muita ainda por descobrir ou por (re)inventar. As vinte e duas curtas propostas disso tratam. De regresso ao festival estão Abdellah Taïa e Maryam Tafakory. Em *Cairo Streets*, o realizador-escritor marroquino revisita filmagens de 2007, nelas procurando um amor antigo, não sem pelo meio encontrar um dos mestres do cinema egípcio, Youssef Chahine. Em *Daria's Night Flowers*, excertos de cinema iraniano ilustram uma história de amor proibida. Rodeado de plantas, Simon dá livre-passe à sua imaginação para superar uma realidade solitária, em *Xylella Fastidiosa*, enquanto em *Cosmonauts*, três personagens disponibilizam-se para amar numa peculiar viagem pelo espaço sideral. *Fiji* faz zoom a um inesperado *flirt* entre duas hospedeiras de bordo, enquanto cá em baixo, numa cidade espanhola, *El Hielo Quema tanto como el Fuego* apresenta outro tríptico sobre o amor – urbano, noturno, jovem e questionante. A afirmação de uma expressão de género em contexto familiar atravessa *Obi Is a Boy* e *Precious Fantasy*, olhares ternos sobre a adolescência. Já em *As I Belong to my Life*, a exploração do género e da liberdade individual não conhece

limite de idade, num retrato intimista de uma pessoa de 84 anos. *Je veux qu'on se souvienne de nous* dá a conhecer o trabalho da fotógrafa norte-americana lésbica Donna Gottschalk, aqui redescoberto pela escritora Hélène Giannecchini, ao passo que em *Sanctuary*, Sam Ashby viaja até à Califórnia no encaço do legado, no contexto da cultura queer, de Purusha Androgyne Larkin, pioneiro guru sexual. No filme-ensaio *My Structuralist Film*, Angelo Madsen narra uma reflexão profundamente pessoal sobre a sua própria visibilidade. Os contornos mais complicados de uma identidade gay ganham uma análise sombria em *Victim of Circumstance*, enquanto em *La Sentinelle* esse possível peso se cruza com um outro, o do dever militar. Através de diferentes territórios, tanto *Fronteriza* quanto *Your City* refletem sobre pertença. A família é o território de *Delay* e de *La Hora de Irse*, ambos culminando numa reflexão sobre o amor. Duas realidades da vivência feminina, aparentemente em polos opostos, apresentam-se em *The Jezebels* e em *TMWYH*. Por fim, a comédia absurda é posta em prática tanto em *Seek No Favor* como na portuguesa *A Hora da Estrela*, ambas, estranhamente, de temática capilar. São muitas as propostas para a prática da liberdade e descoberta individual e coletiva, seja na esfera íntima, seja em comunidade e sociedade. **Ana David**

Curtas 1 (93')

Sábado 19 setembro • Sala 3, 18h45

Xylella Fastidiosa

Simon trabalha num centro de jardinagem no sul de França com a mãe, que é tão gentil quanto dominadora. Quando Corentin o ignora, ele vê-se obrigado a enfrentar a sua solidão. Na maravilhosa atmosfera da estufa, onde a tagarelice das plantas ecoa nos seus pensamentos, ele conversa com outra figura ausente que o ajuda a seguir em frente: Hyacinthe, um adulto que ele imagina, que se parece consigo e o compreende sem que tenha de se explicar.

Thomas Colineau (França, 2025, 21') · Fic. VO francesa, leg. em inglês. M/16

Victim of Circumstance

Scott e Brandon conhecem-se num orfanato na década de 1980. Quando Brandon parte para a Califórnia, Scott segue-o de perto. A história de ambos vive nas margens de uma revista para adultos.

Kalil Haddad (Canadá, 2024, 21') · Fic. Exp. VO inglesa, s/ leg. M/18

Fronteriza

Lucca, um jovem trans da periferia de São Paulo, viaja até à fronteira entre o Brasil, o Paraguai e a Argentina, em busca do pai que nunca conheceu. Ao chegar, conhece Diego, um morador paraguaio da fronteira, que lhe mostra a região de um modo que Lucca nunca imaginou. Juntos, descobrem semelhanças e diferenças nos seus modos de vida que vão além dos binários de género, de identidade e de território.

Nay Mendl, Rosa Caldeira (Brasil, Paraguai, 2025, 21')
Fic. VO portuguesa, leg. em inglês. M/16

Fiji

Quatro jovens comissárias de bordo da companhia aérea *low cost* PanoramicAir, encontram-se num quarto de hotel na noite anterior ao seu voo. Duas delas nunca voaram antes, enquanto as outras duas já o fizeram. Para acalmar a ansiedade, riem-se e divertem-se juntas, até que um jogo de *role play* perturba o equilíbrio do grupo, revelando uma verdade profunda.

Andrea Lamedica (Itália, 2025, 12') · Fic. VO italiana, leg. em inglês. M/16

Your City

Um diário autobiográfico fragmentado, disfarçado de filme de catástrofe. O que começa por ser uma banal chamada telefónica, transforma-se lentamente numa tempestade de incertezas. Entre Shenzhen e Nova Iorque, cidades construídas pela migração e pela constante mudança: duas vozes queer, um rio de película analógica e imagens térmicas. Um filme que se constrói e desmorona em torno das pequenas vidas presas no mal-estar do presente.

Ting Su (EUA, China, França, 2026, 14') · Doc. VO mandarim, leg. em inglês. M/16

As I Belong to my Life

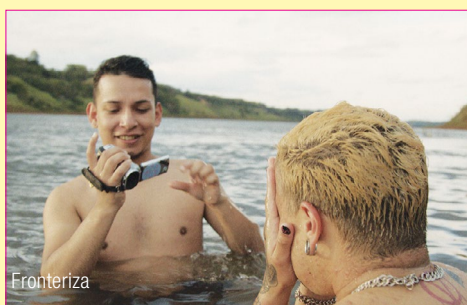
Fragmento de uma série de trabalhos que exploram a forma como os corpos e as mentes mais velhos se relacionam com o Eros, o género, a criatividade, a sexualidade e o desejo. Numa cultura em que se parte do princípio de que os corpos envelhecidos são assexuados e considerados castrados, como é, na prática, recuperar o nosso poder erótico?

Sarah Bliss (EUA, 2025, 4')
Doc. VO inglesa, leg. em inglês. M/16

* Esta sessão conta com as presenças de Andrea Lamedica (*Fiji*), de Lyn Santos (*Fronteriza*) e de Thomas Colineau (*Xylella Fastidiosa*)



Xylella Fastidiosa



Fronteriza



Fiji

Competição Curtas-Metragens

Curtas 2 (98')

Domingo 20 setembro • Sala 3, 18h45

Je veux qu'on se souvienn de nous

"Quando conheço a fotógrafa Donna Gottschalk em Vermont, ela conta-me que passou a vida a fotografar pessoas queer oriundas da classe trabalhadora. Mostra-me retratos e cenas de rua captadas no final da década de 1960 e confia-me centenas de negativos que nunca haviam sido revelados. O filme começa com este gesto de confiança e desvela a história destas vidas esquecidas." (H.G.)

Hélène Giannecchini (França, 2026, 26')
Doc. VO inglesa, leg. em inglês. M/16

El Hielo Quema tanto como el Fuego

Javier confessa-se aos amigos. Sergio conhece um desconhecido num parque. Eyla sai para se divertir com um rapaz de quem gosta. Três histórias de amor numa cidade à noite.

Miguel Ariza (Espanha, 2025, 21')
Fic. VO espanhola, leg. em inglês. M/16

Obi Is a Boy

Obi é chamado de volta a casa, inesperadamente, após a morte repentina da mãe. Identificando-se como não-conforme com os padrões de género, Obi sempre acreditou que a liberdade total advém de construir uma vida longe de casa, longe do olhar implacável do pai e das expectativas culturais associadas ao facto de ser filho único. O filme acompanha a viagem de Obi de regresso a casa – de regresso a si próprio e à sua identidade.

Dika Ofoma (Nigéria, 2025, 17')
Fic. VO igbo e inglesa, leg. em inglês. M/16

Cosmonauts

Num cruzeiro intergalático para pessoas solteiras, almas solitárias procuram um beijo, uma carícia ou apenas um vislumbre de amor entre as estrelas.

Leo Černic (Eslovénia, Itália, 2026, 14')
Anim. Fic. VO inglesa, leg. em inglês. M/16

La Hora de Irse

Patricio trabalha para as suas irmãs e sente-se preso numa vida que já não lhe serve. Determinado a romper com o passado, vagueia pela noite, cheio de expectativas e desejo de renovação. Um encontro com um homem misterioso parece abrir a porta para algo novo. Mas à medida que a noite avança, a atração torna-se inquietante e a intimidade transforma-se em perigo.

Renzo Cozza (Argentina, 2026, 20')
Fic. VO espanhola, leg. em inglês. M/16

* Esta sessão conta com as presenças do cineasta Miguel Ariza e do ator Sergio Domínguez Ramos (*El Hielo Quema tanto como el Fuego*)



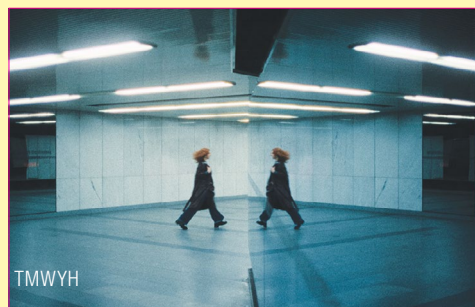
A Hora da Estrela



Seek No Favor



Victim of Circumstance



TMWYH



The Jezabels



Cosmonauts

Competição Curtas-Metragens

Curtas 3 (98’)

Segunda-feira 21 setembro • Sala 3, 18h45

The Jezebels

Após dois anos a “putificar” Bruxelas, as fundadoras do Jezebel Studio (acompanhadas de estudantes, amigos e aliadas) reúnem-se para uma imersão profunda e sem complexos no universo Jezebel. Um retrato vibrante do coletivo queer de *pole dance* sediado em Bruxelas, desde os seus primeiros passos até aos seus mais recentes desafios.

Thanasis Tsimpinis (Bélgica, 2025, 21’)

Doc. VO neerlandesa e inglesa, leg. em inglês. M/16

A Hora da Estrela

Após um *post* desafortunado para uma marca de produtos para o cabelo, João, uma aspirante a *influencer*, presa numa rotina precária e sedentária, perde-se numa dimensão surreal.

Rita Barbosa (Portugal, 2026, 20’)

Fic. VO portuguesa, leg. em inglês. M/16

Precious Fantasy

Paris, 19.º *arrondissement*. Enquanto Zack recebe os seus amigos em casa, o seu irmão mais novo, Elie, aparece de surpresa.

Nino Bouhnik (França, 2025, 13’)

Fic. VO francesa, leg. em inglês. M/16

Delay

Um pai gay chinês tenta ir ao casamento do seu filho heterossexual em Paris, mas a sua viagem sofre um atraso inesperado.

Wang Han-Xuan (China, EUA, 2025, 15’)

Fic. VO mandarim e francesa, leg. em inglês. M/16

La Sentinelle

14 de julho, Dia da Bastilha. Oprimido pela cadência militar do quartel, o sargento Lafleur debate-se com o fardo silencioso do dever. Um médico concede-lhe uma noite de liberdade, com a condição de que regresse antes do amanhecer. As andanças noturnas começam no coração de um mundo que, gradualmente, se afasta da realidade. Uma noite suspensa entre o destino e a desertção.

Ali Cherri (França, 2026, 29’)

Fic. VO francesa e árabe, leg. em inglês. M/16

* Esta sessão conta com as presenças de Rita Barbosa (*A Hora da Estrela*) e de Thanasis Tsimpinis (*The Jezebels*)



Curtas 4 (96’)

Terça-feira 22 setembro • Sala 3, 18h45

Cairo Streets

“Janeiro de 2007. Estou de volta ao Cairo. Por motivos de trabalho. Mudaste de número de telefone, Omar. Tenho de te encontrar. Amo-te... Abdellah.”

Abdellah Taïa (França, 2025, 19’)

Docufic. VO árabe egípcia, leg. em inglês. M/16

Sanctuary

Purusha Androgyné Larkin (1934–1988) foi um monge, pioneiro cineasta gay e autoproclamado místico cósmico-erótico. O seu livro de 1981, “The Divine Androgyné”, desafiou a repressão com uma visão espiritual enraizada no erotismo e apresentou um caminho radical para a consciência cósmico-erótica por meio do *fisting*. *Sanctuary* explora a tentativa de Larkin de formar uma comunidade espiritual utópica, baseada no prazer, e analisa o complexo legado das suas ideias na cultura queer.

Sam Ashby (Reino Unido, 2026, 24’)

Doc. VO inglesa, leg. em inglês. M/18

My Structuralist Film

Concebido como uma meditação confessional-guiada-pelo-orgasmo, *My Structuralist Film* faz uso da peça *One Year Performance (Time Clock Piece)* do artista de performance Tehching Hsieh como estrutura para ilustrar as (presumíveis) entranhas do cineasta. Até que ponto um corpo trans deve querer ou precisar de ser visível? Em que termos é que o cineasta é obrigado a narrar, a representar ou mesmo a fabricar visibilidade para satisfazer o público? Tendo em conta os limites e as restrições da revelação, este projeto posiciona o ato de olhar não como uma oferta ou uma troca, mas como um inflexível desejo neoliberal de consumir.

Angelo Madsen (EUA, 2026, 6’)

Doc. Exp. VO inglesa, leg. em inglês. M/16

Daria’s Night Flowers

Daria escreveu o seu primeiro manuscrito sobre apaixonar-se por uma rapariga misteriosa de nome “abi” (azul). As flores noturnas do seu jardim escondem os segredos de um país que transformou as histórias de amor em rotineiras cenas de crime.

Maryam Tafakory (Irão, Reino Unido, França, 2025, 16’)

Ensaio. VO farsi e inglesa, leg. em inglês. M/16

TMWYH

Uma mulher caminha sozinha para casa à noite. O filme transforma o que deveria ser um momento quotidiano num retrato tenso e íntimo das regras invisíveis, da paranoia e dos instintos que as mulheres carregam consigo nos espaços públicos.

Helen Esther Aschauer (Áustria, 2026, 17’)

Fic. VO alemã, leg. em inglês. M/16

Seek No Favor

Monroe Malone, uma discreta *millennial* que luta contra a ansiedade, vive no agitado bairro de Brooklyn. Enquanto tenta ultrapassar a ansiedade causada pela perda do emprego no ano passado, depara-se inesperadamente com um cartel clandestino de produtos de beleza, liderado por Big Baby, cujo gangue pôs o bairro em polvorosa na sequência de uma série de roubos de extensões de cabelo que deixaram as raparigas carecas nas ruas!

Elle Clay, Leilah Weinraub (EUA, 2025, 14’)

Fic. VO inglesa, leg. em inglês. M/16

* Esta sessão conta com as presenças de Helen Esther Aschauer, Fábio Mota e Ana Camilo (*TMWYH*), e de Sam Ashby (*Sanctuary*)

Competição In My Shorts

Lugar às novas vozes do cinema queer. A competição de filmes de escolas europeias apresenta novamente algumas das mais destacadas curtas recentes produzidas em contexto académico. Este ano são dez títulos, selecionados de entre mais de cem candidaturas, a maior quantidade alguma vez recebida para esta secção.

Em *Cruising Lesbiana*, da escola catalã ESCAC, Joyce Victoria Newrzella reflete sobre o desejo tanto individual como coletivo de vários rostos conhecidos da comunidade FLINTA* de Barcelona, que debatem as possibilidades e limitações que os espaços de *cruising* apresentam. De lugares mais mentais que físicos, e das distâncias neles contidas, fala também *For Those Who Love, Leave, and Love Again* (DFFB): Paolo Laganà, de ascendência italiano-alemã, colaborador de realizadores como Radu Jude e Corneliu Porumboiu, apresenta um frágil estudo sobre a solidão e a pertença, explorando silêncios e medos segundo uma estudada psicologia narrativa. O delicioso *Sunday Lunch* também tira o máximo partido do seu marcado *set-up*: um almoço de família pronto a explodir, frente à mesa posta na sala. Lyndon Henley Hanrahan assina um filme que chega com carimbo da britânica The National Film & Television School e que promete arrancar gargalhadas.

Entre os filmes com cunho político mais manifesto, começamos por *Destroy Me, Please*, de Flora Woudstra Hablé da LUCA School of Arts, onde os recentes bombardeamentos no Líbano pairam como fantasmas numa noite escura para falar dos complexos sentimentos ligados às migrações. Também sobre a guerra travada por Israel, neste caso sobre o Irão, fala *Ásheghetam*

(Le Fresnoy), de Filmsaaz: animado em 3D, esta ode à resiliência propõe escapar do opressivo imperialismo da guerra para procurar ilusões no *underground*, lugar onde o amor sempre triunfa. Já conhecida do festival, a obra do paquistanês Iqran Rasheed continua focada em documentar histórias pessoais que questionem realidades políticas e sociais. Neste caso, o seu documentário autobiográfico *Red Elephant* (DocNomads) reflete sobre um sistema burocrático quase kafkiano que promete proteção à comunidade queer ao mesmo tempo que lhe demanda pagar traumáticas portagens. E ainda três filmes em que o amor e as suas infinitas derivações – do romântico ao fraternal – são protagonistas. Em *kiss kiss bang bang* (Netherlands Film Academy), Ollie Launspach aponta a sua câmara para a namorada. O objetivo? Tentar entender como ela lida com a sua transição de género e perguntar-se sobre o quão belamente caóticas podem chegar a ser as dinâmicas da intimidade. O trio formado pelo inglês Jonathan Leggett, a francesa Mathilde Sauvère e o togolês Achiraf Djakpa, estudantes da HEAD/Genève, apresenta em *Larmes Crocodile* um sexy e sofisticado relato em que o desamor se combate ao som da pop dos anos oitenta. E no delicado *Sister of Mine* (Stockholm University of the Arts), o olhar do sueco André Vaara continua a explorar os papéis de género, neste caso com a história dos ciúmes que um rapaz tem pelo cabelo comprido da sua irmã. Resta *À la recherche de la queue perdue de l'humanité*, o trabalho de Sofia Cecere do INSAS - Atelier de Realização de Bruxelas: uma ligeira embora aguda observação antropológica a partir do eterno dilema existencialista “de onde vimos?”. Cristian Rodríguez

In My Shorts 1 (85’)

Quinta-feira 24 setembro • Sala 2, 18h00

kiss kiss bang bang

Quando o cineasta Ollie decide explorar o impacto da sua transição de género na sua namorada Sterre, vê-se confrontado com os seus próprios pensamentos caóticos.

Ollie Launspach (Países Baixos, 2025, 28’)
Doc. VO neerlandesa, leg. em inglês. M/16

Sister of Mine

Noel, de dez anos, quer ser mais parecido com a irmã mais velha. Uma ida ao cabeleireiro desperta ciúmes, trazendo à tona a rivalidade entre irmãos.

André Vaara (Suécia, 2026, 12’)
Fic. VO sueca, leg. em inglês. M/16

For Those Who Love, Leave, and Love Again

Assombrado pela memória de um pai ausente e violento, Paul vagueia inquieto pela noite de Berlim, deixando-se envolver por encontros fugazes que apenas aprofundam a sua solidão.

Paolo Laganà (Alemanha, 2025, 18’)
Fic. VO alemã e inglesa, leg. em inglês. M/16

Larmes Crocodile

A relação entre Nora e Maxime está a acabar. Como Maxime não consegue encontrar um novo apartamento, as duas mulheres são obrigadas a continuar a viver sob o mesmo teto e têm dificuldade em comunicar. A sua ligação distorce-se, desmorona-se e rompe-se ao ritmo das cassetes áudio que Maxime vai deixando para trás.

Mathilde Sauvère, Jonathan Leggett, Achiraf Djakpa (Suíça, 2026, 12’)
Fic. VO francesa, leg. em inglês. M/16

Sunday Lunch

Uma jovem lésbica, ainda não assumida, leva a namorada a casa para um almoço de domingo, com a sua família católica, na esperança de finalmente lhes contar. Mas sempre que tenta dizer a verdade, a família encontra uma nova – e cada vez mais ridícula – forma de a impedir.

Lyndon Henley Hanrahan (Reino Unido, 2026, 15’)
Fic. VO inglesa, leg. em inglês. M/16

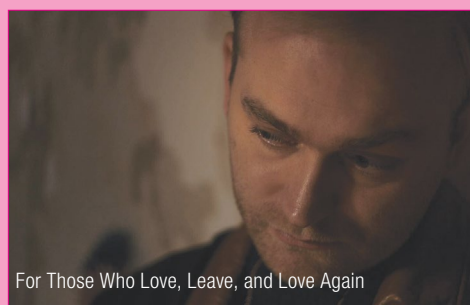
* Esta sessão conta com as presenças de Paolo Laganà e de Rhama Corvalán González (*For Those Who Love, Leave, and Love Again*)



kiss kiss bang bang



Sister of Mine



For Those Who Love, Leave, and Love Again

Competição In My Shorts

In My Shorts 2 (90')

Sexta-feira 25 setembro • Sala 2, 18h00

Red Elephant

No sistema de asilo da Bélgica, às pessoas LGBTQIA+ requerentes, muitas das quais vindas de mundos onde o silêncio significa sobrevivência, é-lhes pedido que falem sobre o indizível, relatando as suas feridas mais íntimas a estranhos que acabam de conhecer. Como se manifesta a identidade queer quando se passou uma vida inteira a apagar todos os vestígios dela para se manter vivo?

Iqran Rasheed (Paquistão, Bélgica, Hungria, Portugal, 2026, 22')
Doc. VO urdu, francesa e inglesa, leg. em inglês. M/16

Āsheghetam

Durante uma noite caótica numa rave clandestina em Teerão, interrompida pela polícia da moral e pela súbita eclosão da guerra, uma pessoa jovem queer opta por refugiar-se numa bolha de ilusão romântica com a pessoa sua parceira, apenas para sobreviver à realidade brutal lá fora.

Filmsaaz (França, Suíça, Irão, 2026, 21')
Fic. Anim. VO farsi, leg. em inglês. M/16

Destroy Me, Please

Ao conduzir de regresso a casa, depois de uma festa, o migrante libanês Ziyad recebe uma mensagem inesperadamente inquietante do seu antigo melhor amigo, Ramy.

Flora Woudstra Hablé (Bélgica, 2025, 13')
Fic. VO árabe, leg. em inglês. M/16

Cruising Lesbiana

Imagens em bruto em formato HDV e entrevistas realizadas dentro de um carro em movimento, são enquadradas na narrativa ficcional de uma taxista que visita vários locais de engate. Um filme centrado na exploração do desejo individual e coletivo, que aborda a busca pela intimidade em espaços públicos, a visibilidade e a identidade no seio da comunidade FLINTA de Barcelona.

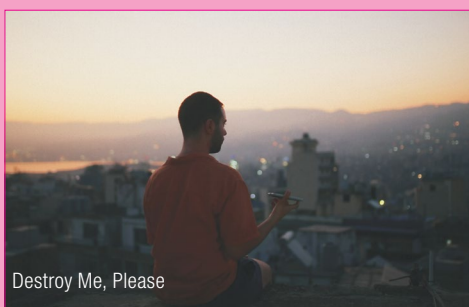
Joyce Victoria Newrzella (Espanha, 2026, 18')
Docufic. VO espanhola e catalã, leg. em inglês. M/16

À la recherche de la queue perdue de l'humanité

Tara descobre um único cabelo no cóccix de Val. Será que se pode transformar numa cauda? As personagens embarcam numa busca existencial e física para redescobrir uma forma de animalidade e de ligação com o ambiente que as rodeia, e entre si.

Sofia Cecere (Bélgica, 2025, 13')
Fic. VO francesa, leg. em inglês. M/16

* Esta sessão conta com as presenças de Filmsaaz (*Āsheghetam*), de Flora Woudstra Hablé (*Destroy Me, Please*) e de Iqran Rasheed (*Red Elephant*)



Panorama

Barbara Forever

Barbara Hammer (1939–2019, Los Angeles) foi uma cineasta feminista, artista visual e ativista lésbica, com uma carreira pioneira de mais de cinquenta anos dedicada a reflexões sobre sexualidade feminina, gênero, comunidade e, numa fase mais recente, doença e mortalidade. Os seus 92 filmes — maioritariamente curtas-metragens experimentais documentais, as primeiras das quais realizadas em 1968 — valeram-lhe o título de mãe do cinema queer experimental, com obras hoje incontornáveis no cânone do cinema lésbico e queer. *Barbara Forever* baseia-se na experiência de vida da artista, incluindo uma sucessão de amantes, para retratar uma filmografia tão profundamente pessoal e íntima quanto atenta aos movimentos políticos e sociais, feministas e lésbicos, mais amplos da sua época. Vencedor do Teddy Award de Melhor Documentário, o filme de Brydie O'Connor é um tributo apaixonado e inspirador que proporciona a novos públicos uma visão autêntica sobre o trabalho de Hammer, ao mesmo tempo que desperta um interesse mais profundo pelo resto da sua filmografia. **Ana David**

Brydie O'Connor (EUA, 2026, 102')
Doc. VO inglesa, leg. em português. M/16



Sábado 26 setembro
Sala Manoel de Oliveira, 16h15

Blue Film

Se o “azul” de *Blue Film* nos remete para essa semiclandestinidade dos *blue movies* de conteúdo explícito, era também a azul que os censores ao serviço do Código Hayes amputavam as películas. Contexto, desde logo, para a aura de controvérsia que envolve o filme de Elliot Tuttle. Aaron, um *camboy* hipermasculino responde ao generoso apelo financeiro de um homem bem mais velho, Hank, para se encontrarem num apartamento. Hank, mascarado, dispara perguntas crescentemente perturbadoras, até que Aaron o reconhece como o seu professor de Inglês do segundo ciclo, à época preso por abuso sexual. Emergem os fantasmas e é sobre os traumas que o filme habilmente se constrói, numa constante luta de poder entre ambos. O ato sexual existe quase sempre sob tensão, em suspenso, como nessa cena em que Aaron se depila integralmente, para o prazer erótico *findom* de Hank. É nos diálogos que a pulsão se concretiza, em espaçadas libertações, só para depois se voltar a esse lugar de suspensão. Absoluto mérito de um filme que não moraliza, mas antes explora e expõe a psicologia dos dois homens, cabendo-nos a nós, espectadores, o juízo, num ato de transgressão cada vez menos frequente no cinema. **João Ferreira**

Elliot Tuttle (EUA, 2025, 85')
Fic. VO inglesa, leg. em português. M/16



Quarta-feira 23 setembro
Sala Manoel de Oliveira, 22h00

Jim Queen

A sida sempre produziu metáforas, como Susan Sontag bem notou logo em 1989, e continua a fazê-lo, passadas três décadas de uso da tripla terapia. Desbragada e inteligente comédia, estreada nas Séances de Minuit de Cannes, *Jim Queen* aborda uma nova epidemia: a “Héterose”, que faz dos gays, héteros. Crítica aberta às terapias de conversão e às ideologias da extrema-direita, esta “incorreta” animação tem como (suposto) herói, Jim, um urso, *muscle queen* e *influencer*, acometido do vírus, que o faz perder músculo, seguidores e o rumo. Em sua salvação (e da vida gay) vem Lucien, um *twink* seu admirador secreto, no armário, filho da... Ministra da Saúde, envolvida na rede que criou este vírus em laboratório. Mais metáforas. Sendo o filme também uma crítica aos estereótipos e homofobias dentro da própria comunidade, aquele que dela é rejeitado pela sua aparência (Lucien), é quem a salva da heterossexualidade, formando um moralizante par romântico com Jim. Em 1987, Leo Bersani questionava, “Is the Rectum a Grave?”. Aqui, é no rabo de Lucien que reside a salvação, nessa hilariante sequência final que tão cedo não esqueceremos. **João Ferreira**

Marco Nguyen, Nicholas Athané (França, 2026, 85')
Anim. VO francesa, leg. em português e inglês. M/16



Sexta-feira 25 setembro
Sala Manoel de Oliveira, 19h00

Maspalomas

Os diferentes tipos de armários que existem, o idadismo, as feridas da pandemia, as constricções da família, a amizade, a psicologia... *Maspalomas* aborda muitos temas, mas consegue destacar-se, sobretudo, pela forma como gere uma belíssima política da bondade que acaba pairando sobre todos eles. A história de Vicente é a de um *coming of age* ao contrário, não como uma viagem de ida, antes como um regresso à heteronormatividade; e o guião, com delicadeza e economia narrativa, sabe identificar as nuances certas daí derivadas. Sabe também apoiar-se na força dos contrastes, contrapondo a efervescência da Gran Canaria com os tons cinzentos do País Basco, a libertinagem arejada das dunas com as espreitadelas às escondidas ao Grindr, ou o facto de consolidar amigos ali onde se esperava encontrar inimigos (o colega de quarto do protagonista, cativante embora simpatizante do Vox). Com esses elementos todos, Los Moriarty – trio artístico que se reveza para filmar e escrever os seus filmes, neste caso com Jose Mari Goenaga e Aitor Arregi como responsáveis principais do projeto – assinam mais uma sólida obra com a qual consolidam uma carreira que já é toda uma referência do novo cinema espanhol. **Cristian Rodríguez**

* Esta sessão conta com a presença de Jose Mari Goenaga

Jose Mari Goenaga, Aitor Arregi (Espanha, 2025, 109')
Fic. VO espanhola, leg. em português e inglês. M/16



Sábado 19 setembro
Sala Manoel de Oliveira, 19h00

Outerlands

Outerlands transpira melancolia ao debruçar-se sobre as franjas geográficas e sociais de São Francisco. A personagem central acumula pequenos empregos e vive a contar o dinheiro, de cerveja em cerveja, numa casa sem alma. Um *flirt* coloca Cass na posição de cuidadora de Ari, menina precoce e sensível que tem como referência única o amor intermitente da mãe. Ainda que mal saiba tratar de si, e sob ameaça de despejo, Cass afeiçoa-se, lança-se desmesuradamente na construção de um lar, deseja ser exemplo. Com um percurso profissional sobretudo ligado ao documentário colaborativo e ao ensino de cinema, Elena Oxman faz com *Outerlands* a sua primeira longa-metragem de ficção, um filme notável que evita a gratificação fácil e prefere a criação de atmosferas, a ambivalência e a subtilidade na relação com o espectador. Protagonizado por Asia Kate Dillon – que conta com reconhecidas e pioneiras interpretações em séries como *Orange Is The New Black* e *Billions* –, e com a comediante e ativista de longa data Lea DeLaria num dos papéis secundários, *Outerlands* dirige justa atenção à intersecção entre pobreza e identidade não-binária numa cidade que deixou de ser terra prometida. **Constança Carvalho Homem**

Elena Oxman (EUA, 2025, 100')
Fic. VO inglesa, leg. em português. M/16



Sexta-feira 25 setembro
Sala Manoel de Oliveira, 16h15

Prosecution

Depois da surpresa aclamada que foi a primeira longa-metragem de Faraz Shariat – *No Hard Feelings* (2020) – o cineasta alemão-iraniano regressa a uma Alemanha contemporânea politicamente carregada, trocando o tema da integração de pessoas migrantes pelo do racismo institucional imbuído no sistema judicial do país e da violência racista de origem neonazi. Nesta *mélange* de drama de tribunal com *thriller* psicológico temos uma protagonista alemã-coreana, Seyo Kim, jovem procuradora do Ministério Público que, depois de sobreviver a um ataque racista, leva o seu próprio caso à justiça. À medida que a nossa heroína vai encontrando barreiras à sua investigação, também o espectador entende que o lema da instituição para a qual Seyo trabalha – “a autoridade mais objetiva do mundo” – anda de mãos dadas com o mito da neutralidade: serve sobremaneira àqueles em negação da possibilidade de se incorrer em *double standards*, inconscientes ou conscientes. Vencedor do Prémio do Público da secção Panorama da Berlinale, *Prosecution* aplica exemplarmente a máxima “Queer as in political”. **Ana David**

* Esta sessão conta com a presença de Faraz Shariat

Faraz Shariat (Alemanha, 2026, 113')
Fic. VO alemã e coreana, leg. em português e inglês. M/16



Domingo 20 setembro
Sala Manoel de Oliveira, 19h00

Panorama

Stop! That! Train!

Fenômeno desde que surgiu em 2009, não é surpreendente que *RuPaul's Drag Race* salte este ano para o cinema, sob a mão de Adam Shankman, neste hilariante *Stop! That! Train!*, com claras raízes nos *disaster movies* de 70 e citação direta ao *Aeroplano!*, de 1980. RuPaul tem um papel à sua medida como Judy Gagwell, a Presidente dos EUA, que tem, no filme, alguns dos momentos mais conseguidos ao lado de Matt Rogers, que faz de seu fiel assistente, nomeadamente quando a sua popularidade desce a níveis de “Lea Michele 2020”. Mas o motor do filme são as irrepreensíveis Ginger Minj e Jujubee, como Tess e DeeDee, hospedeiras que agarram a oportunidade de trabalhar na luxuosa Glamazonian Express. Aí, além de embaterem com a sua arqui-inimiga Amber (Brooke Lynn Hynes), o comboio tem pela frente uma “stormaganza” e o duo vê-se a mãos com a tarefa de salvar passageiros — não sem haver espaço para uma história de amor entre DeeDee e Cal, o maquinista, que ela já cobiçava desde que o vira na revista *Conductors We Want to See the Dick Of*. Se precisamos de mais citações, *Assalto ao Arranha-Céus* é digna referência para quando RuPaul enfim desce dos céus em socorro de todos. João Ferreira

Adam Shankman (EUA, 2026, 92’)
Fic. VO inglesa, leg. em português. M/16



Quarta-feira 23 setembro
Sala Manoel de Oliveira, 19h00

Un jeune homme de bonne famille

O cinema de Sébastien Lifshitz, um dos melhores documentaristas do cinema francês atual, surge sempre sério e elegante. Em certa sintonia com os seus filmes *Os Invisíveis* e *Bambi*, *Un jeune homme de bonne famille* é mais um retrato limpo e rigoroso, carente de julgamentos fáceis, sobre a velhice. O filme coloca-nos perante a figura de Claude Loir, que repassa a sua vida desde que descobriu a sua homossexualidade quando esta era ainda ilegal, até se tornar estrela do cinema porno nas décadas de 1970 e 1980, passando pela sua etapa na Comédie Française e pela sua fase mais escura, semioculto na clandestinidade. A comoção do testemunho surge do tom em que Loir conta como abraçou a vida: sempre como melhor entendeu, guiado pela intuição, atravessado por um ar poético de liberdade, talvez romântico em excesso. Ele, que foi a menos “estrela” das estrelas porno, que nunca esteve interessado no lado material do negócio, que sempre sofreu em silêncio, ferido por uma eterna carência de amor... Resulta alentador ouvir alguém que teve o seu percurso de vida tão em paz consigo próprio. Cristian Rodríguez

Sébastien Lifshitz (França, 2026, 87’)
Doc. VO francesa, leg. em inglês. M/16



Sábado 26 setembro
Sala 3, 18h45

watch films online from

QUEER LISBOA

festivals on demand for film professionals.

 **FESTIVAL SCOPE** Pro

pro.festivalscope.com



KAFFEEHAUS

CAFÉ | RESTAURANTE | BAR | VIENNESE

**VISITE
VIENNA
EM LISBOA**

15%

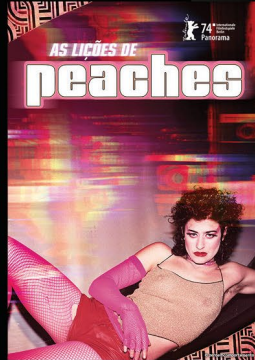
15% DESCONTO
COM BILHETE
DO FESTIVAL
ENTRE 18.SET. €
9.OUT. 2026



CHIADO - R. ANCHIETA 3 - T. 210956828

O GRANDE CINEMA CONTINUA EM CASA



TVCINE

TOP | EDITION | EMOTION | ACTION | TVCINE+

Resistência Queer

Nesta edição do programa Resistência Queer, procurámos, de modo deliberado, lugares e sujeitos tocados por um impulso vital. Precisamos desse impulso, e da frescura de certas experiências fundadoras aqui patentes, para irrigar a condição queer, destinada a ser infatigável na reivindicação e guarda dos seus direitos. Monika Treut, documentarista assídua do nosso festival e cúmplice de um excepcional conjunto de navegações identitárias, visita uma democracia simultaneamente jovem e robusta, com plena participação das pessoas LGBTQIA+. *Cooking Up Democracy* é o retrato de Taiwan de que não sabíamos precisar: uma ilha vivida não como território ocupado e chantageado, mas serena na construção quotidiana de uma sociedade plural. Do Brasil, e concretamente do Estado de São Paulo, chegam-nos cinco testemunhos de pessoas trans com deficiência, congénita ou adquirida. Ouvidas por uma equipa também ela constituída por pessoas trans, e sob direção de Giorgia Narciso, *Desejo de Viver (mutatis mutandis)* fala sobretudo de sonho, de anseio, de vocação, mostrando que até as singularidades que o mundo não está pronto a receber encontram o seu lugar sem cair no miserabilismo; cinco vozes que convergem ao mostrar que o normal é a dignidade. Por sua vez, *Hélène trésore transnationale*, de Judith Abitbol, apresenta-nos uma personalidade

ímpar do meio cultural francês, Hélène Hazera. Rejeitada pela família, prostituta, ativista nas frentes homossexual, das trabalhadoras do sexo e do VIH/sida, a mesma Hélène foi aparição regular do cinema experimental da década de 70, depois jornalista, depois radialista. Um exemplo de preservação radical da liberdade, nunca limitada por ortodoxias, Hélène Hazera aparece-nos em imagens de arquivo, nas suas palavras e nas de quem a conhece, a exercer luminosa irreverência ou a dormir, para dar prova absoluta de que, ainda que nada estivesse adquirido, a sua identidade não seria uma condenação. Por fim, falemos de *Pédale rurale*, de Antoine Vazquez, uma incursão aos campos da região da Nova Aquitânia, em França. Benoît constrói aquilo a que chama um “paraíso sem concessões”: escolheu viver perto da sua aldeia natal, de forma livre e discreta, cultivando a terra, fazendo tecelagem, dançando. Como ele, há outras pessoas queer em meio rural – desejosas de pertença, mas com diferentes graus de militância, e também temerosas da retaliação das suas comunidades. Perante a ideia de organizar uma primeira marcha do orgulho, a conversa que se instala revela mágoas antigas, receios das autoridades locais, e um profundo desejo de inspirar as mais tenras gerações. Constança Carvalho Homem

Cooking Up Democracy

Enquanto as democracias em todo o mundo se encontram sob pressão, Taiwan destaca-se pela sua resiliência face à autocracia digital da China. Sob a orientação de Audrey Tang, ex-ministra da Digitalização e laureada com o Prémio Nobel Alternativo de 2025, o filme explora um cenário ativista vibrante, onde vozes queer, pensadoras feministas e inovadores alternativos moldam uma visão pluralista da democracia. Juntos, revelam o que sustenta o espírito democrático de Taiwan.

Monika Treut (Alemanha, 2026, 82')

Doc. VO inglesa, mandarim e taiwanesa, leg. em inglês. M/16

Sábado 19 setembro
Sala 2, 18h00

Desejo de Viver (mutatis mutandis)

Cinco pessoas trans com deficiência compartilham as suas vivências no Estado de São Paulo, revelando histórias únicas de resistência, afeto e reinvenção. Bárbara, Heitor, Aylla, Kalú e Anita enfrentam desafios sociais e pessoais, mas as suas trajetórias vão muito além das condições que carregam – são marcadas por sonhos, espiritualidade, amor e luta pela dignidade.

Giorgia Narciso (Brasil, 2025, 83')

Doc. VO portuguesa, leg. em inglês. M/16

Domingo 20 setembro
Sala 2, 18h00

Hélène trésore transnationale

Retrato de uma figura-chave da contracultura francesa de finais dos anos 60 aos anos 90. Membro das Gazolines, da F.H.A.R. (Front Homosexuel d'Action Révolutionnaire) e ativista incansável da comunidade LGBTQIA+, Hélène Hazera fundou a Comissão Trans e SIDA no seio da Act Up, uma das suas maiores fontes de orgulho. Outro motivo de orgulho foi a sua vitória sobre uma época em que o desejo e a necessidade de fazer a transição estavam longe de ser aceites. Foi a primeira mulher transgénero jornalista num grande diário nacional, o *Libération*, e como realizadora de televisão e produtora na Radio France.

* Esta sessão conta com as presenças da cineasta Judith Abitbol e da produtora Paola Valentini

Judith Abitbol (França, 2025, 94')

Doc. VO francesa, leg. em inglês. M/16

Terça-feira 22 setembro
Sala 2, 18h00

Pédale rurale

Benoît construiu o seu paraíso longe dos olhares, emancipado à sua maneira, determinado a enfrentar as limitações de um espaço que entra em conflito com a sua identidade: o campo. Um dia, ele e outras pessoas queer da região decidem organizar a primeira Parada do Orgulho do Périgord, porque está na hora de se assumirem, de ocuparem o espaço para celebrar, curar e, finalmente, abrir caminho.

* Esta sessão conta com a presença de Antoine Vazquez

Antoine Vazquez (França, 2025, 84')

Doc. VO francesa, leg. em inglês. M/16

Segunda-feira 21 setembro
Sala 2, 18h00



Cooking Up Democracy



Hélène trésore transnationale



Pédale rurale

Desejo antigo do festival, inaugura-se nos 30 anos do Queer Lisboa uma nova secção destinada aos mais novos e aos seus familiares. O foco está numa experiência de enriquecimento cultural e individual, através de cinema independente que apresenta tópicos de inclusão e identidade, de forma subtil ou evidente. Os filmes programados levam a sério o mundo dos seus protagonistas, os seus sonhos, desejos e esperanças, e procuram ajudar a resolver os seus problemas, pequenos ou grandes. Ainda que as suas narrativas sejam concebidas para um público infantojuvenil, estas obras podem ser apreciadas também por adultos, seja porque veiculam histórias com que estes se identificam da sua infância, seja porque contêm lições para todas as idades e culturas.

O programa deste ano apresenta duas longas-metragens de ficção, uma delas de animação, realizadas por cineastas brasileiros. *Feito Pipa* acompanha Gugu, um rapaz apaixonado por futebol, criado com carinho pela sua avó Dilma na zona rural do Ceará. À medida que a saúde dela se deteriora, ele enfrenta a possibilidade de ter de viver com um pai que não o aceita. O filme lida com a sua luta para proteger o único amor incondicional que conhece. Profundamente comovente, esta longa foi premiada como

melhor filme tanto pelo júri juvenil como pelo júri internacional da secção Generation Kplus da Berlinale, onde recebeu um acolhimento emocionado também dos mais velhos. *Papaya* é uma animação sem diálogos, de apenas 74 minutos, que tem como protagonista uma minúscula semente de papaia na Amazónia, que anseia por voar em vez de criar raízes como todas as outras sementes. À medida que ousa ser diferente e o seu sonho se torna realidade, ela tem de encontrar o seu próprio caminho de regresso ao local onde pertence. A primeira longa de Priscilla Kellen é uma belíssima fábula sobre autodescoberta, coragem e os laços que nos unem mesmo quando nos afastamos. O público pequenino apreciará uma suave aventura colorida e musical, enquanto o público crescido entenderá um comentário à agricultura industrializada.

Juntas, estas histórias celebram a resiliência e as famílias escolhidas ou alargadas, afirmando: todos merecemos ter raízes e asas. Estão assim convidadas todas as famílias e as suas crianças, queer ou aliadas, a participar numa experiência intergeracional e afetiva. Será um prazer recebermos novas e antigas caras, agora acompanhadas dos seus rebentos. **Ana David**

Informação adicional

As sessões decorrem no primeiro e último sábado à tarde do festival e destinam-se às faixas etárias +3 anos e +6 anos. São de entrada gratuita para crianças até aos 12 anos acompanhadas de um adulto, decorrem às 15:30 na sala 2 do Cinema São Jorge (lotação máxima de 150 pessoas), terão uma breve apresentação por parte da equipa de programação do festival, e será entendido como natural que os mais novos se expressem durante o visionamento, se movimentem ou saiam da sala. Será possível fazer pequenos ajustes de regulação sensorial – luz da sala e volume do som – bastando contactar o festival até ao dia anterior à sessão com este tema, ou qualquer outra questão, para info@queerlisboa.pt.

Feito Pipa

O Gugu tem quase doze anos e sonha em tornar-se jogador de futebol. Ele cresce numa pequena comunidade perto da barragem de Araújo Lima, que está lentamente a secar, revelando os vestígios fantasmagóricos de uma cidade submersa. Gugu é cuidado pela avó Dilma, cujo carinho e abertura de espírito lhe dão espaço para ser simplesmente ele próprio. Os dois partilham uma ligação discreta, mas forte, que os protege da desaprovação do pai de Gugu e da comunidade que os rodeia. À medida que velhas memórias ressurgem, mudanças subtis começam a perturbar a sua rotina.

Allan Deberton (Brasil, 2026, 93')
Fic. VO portuguesa, leg. em inglês. M/6

Sábado 19 setembro
Sala 2, 15h30



Papaya

Doida por voar, uma pequena semente de papaia na floresta amazónica tem de se manter sempre em movimento para evitar enraizar. Através da perseverança, descobre o poder das suas raízes, que conectam a vida por caminhos profundos e misteriosos. A aventura desta pequena semente desencadeia uma revolução que transforma o seu mundo e realiza o seu sonho da forma mais inusitada.

Priscilla Kellen (Brasil, 2025, 74')
Anim. Fic. S/ diálogos. M/3

Sábado 26 setembro
Sala 2, 15h30





Resgatar Futuros: o cinema queer vê-se ao espelho (Parte II)

João Ferreira

Para a retrospectiva que assinala os 30 anos do Queer Lisboa, a que chamámos “Resgatar Futuros: o cinema queer vê-se ao espelho”, quisemos convocar um conjunto de filmes que fizeram o cânone do cinema queer antes de 1997 – data do primeiro Festival de Cinema Gay e Lésbico de Lisboa, como era então designado. Quisemos também que esses filmes se confrontassem consigo próprios, que se olhassem ao espelho, para se verem refletidos e, sobretudo, para o atravessar para o outro lado. Quisemos que esse espelho tivesse um furo que deixasse passar a luz, que permitisse espreitar: um furo suficientemente largo para estender o braço, um *glory hole* que permitisse fazer circular o desejo entre os dois lados. São sete programas e um prefácio. Pares que às vezes são ímpares, porque a falha, o desequilíbrio, é ele mesmo estruturante e construtivo, abre caminho à revolução. O Programa Zero, o prefácio desta retrospectiva, tem o único filme recente que aqui apresentamos e que é homenagem diretíssima ao livro homónimo de Larry Mitchell. *The Faggots & Their Friends Between Revolutions* (2026), de Paul Rice, irlandês radicado em São Francisco, é um filme-ensaio com a cidade californiana como cenário, habitado por dezenas de citações escritas do manifesto de Mitchell e que nos convida a essas muitas reflexões sobre utopia e revolução, sobre o que no passado se profetizou sobre o futuro e, por fim, sobre que futuro é esse, hoje. Assinado pelo The Mariposa Film Group (do qual já fazia parte um muito jovem Rob Epstein, realizador de *The Times of Harvey Milk*), numa iniciativa verdadeiramente comunitária e fiel ao espírito do seu tempo, o documentário *Word Is Out: Stories of Some of Our Lives*, de 1977, abre simbolicamente a edição deste ano do festival. Compilando cerca de 200 entrevistas a pessoas queer e tendo levado mais de cinco anos a ser realizado, este ambicioso projeto resultou num pioneiro documentário de grande fôlego realizado por pessoas queer,

sobre pessoas queer, e que fica como um precioso documento histórico sobre as várias vivências e gerações que coincidem nos EUA nos anos 70, para nos deixarem as suas histórias, que são também as nossas. O Programa 1 é pura proposta revolucionária. Histórico cineasta experimental e maldito, Kenneth Anger nasce em Hollywood e começa por ser uma criança-ator, para depois se dedicar a implodir simbolicamente a própria indústria e os seus mitos – muito notavelmente com o seu livro “Hollywood Babylon”, publicado pela primeira vez em França, em 1959, e nos EUA apenas seis anos mais tarde. Datado de 1963, *Scorpio Rising* é talvez o seu filme mais emblemático. Homenagem à contracultura motard, onde essa *open road* norte-americana é sinónimo de fuga e liberdade, à qual Anger acrescenta o homoerotismo na relação do corpo com a máquina. Nascido numa realidade totalmente oposta, nos anos 30 no Wisconsin, James Bidgood foi fotógrafo e trabalhou em artes performativas. Em 1971, realiza aquela que se viria a tornar uma das obras mais icónicas do cinema queer, *Pink Narcissus*, onde se cruza o imaginário *camp* com o desejo sexual entre homens, num filme que recupera o mito grego do Narciso, nem de propósito apaixonado pelo seu reflexo no espelho. E do outro lado, uma presença portuguesa. Depois da Revolução dos Cravos de 1974, Óscar Alves e João Paulo Ferreira fundaram a produtora Cineground, realizando cada um deles uma série de filmes (quase sempre curtos) que respiram essa recém-adquirida liberdade e olham para uma sociedade que demora a libertar-se das amarras da ditadura. Inspirado no *Jesus Christ Superstar*, de Andrew Lloyd Webber, João Paulo Ferreira realiza *Fatucha Superstar – Ópera Rock... Bufo*, em 1976, onde subverte, ironiza e ridiculariza esse mito fabricado pelo Salazarismo: as aparições de Nossa Senhora de Fátima aos pastorinhos. Publicado pela primeira vez em 1928, “Orlando”, de Virginia Woolf é adaptado ao cinema pela mão de Sally Potter em 1992, e protagonizado por Tilda Swinton, atriz-musa de Derek Jarman. Nascido na pequena localidade de Cantillana, nos arredores de Sevilha, em 1947, foi numa Barcelona em plena transição espanhola que Ocaña se afirmou como artista, mas sobretudo como uma figura cuja liberdade de costumes e identidade fluida fizeram estremecer uma Espanha ainda a braços com um

enorme conservadorismo. Filmado em menos de uma semana, Ventura Pons faz o seu retrato no documentário *Ocaña, Retrato Intermitente*, de 1978, mergulhando-nos, quer na intimidade complexa do seu imaginário pessoal e artístico, quer no seu lado confrontativo, como testemunhamos nessa sequência filmada nas Ramblas onde, à cabeça de uma manifestação, Ocaña expõe a sua nudez. Este Programa 2 fala-nos de identidades. Orlando, na ficção, e Ocaña, na vida real, desafiam noções de género e subvertem costumes, em diferentes temporalidades, abrindo caminho a noções contemporâneas de identidade sexual e de género. O Programa 3 leva-nos ao Oriente, onde são colocados em diálogo dois filmes de 1995. Kim Longinotto, cineasta britânica conhecida pelo seu estilo observacional de *cinéma vérité* e por um cinema dedicado a contar histórias de mulheres, em parceria com a também cineasta britânica Jano Williams, realiza *Shinjuku Boys*. Passado em Tóquio (onde Williams viveu mais de uma década), o filme retrata, com enorme sensibilidade, três homens trans que trabalham num clube noturno da capital japonesa, onde atendem clientes mulheres cis. Já na ficção, o histórico cineasta de Hong Kong, Yonfan, estreia nesse mesmo ano *Bugis Street*, passado numa Singapura que já não pode existir. Lian, uma rapariga malaia, chega à cidade-estado asiática onde consegue trabalho no Sin Sin Hotel, situado na emblemática Bugis Street, que entre os anos 50 e 80 foi uma fervilhante artéria onde confluíam e trabalhavam mulheres transexuais e travestis. Se *Shinjuku Boys* documenta a importância dos espaços seguros para os três *onnabe* (expressão japonesa da época para definir “mulheres que vivem como homens”), também para Lian, Bugis Street foi o lugar seguro onde conseguiu alcançar a liberdade.

Quando, em inícios dos anos 90, eclode, nos EUA, o que viria a ser denominado de New Queer Cinema (NQC), abre-se um novo paradigma no cinema independente norte-americano na abordagem a narrativas LGBTQIA+. Uma primeira geração de cineastas do NQC inclui nomes como Gus Van Sant, Todd Haynes, Laurie Lynd, Isaac Julian, Tom Kalin, Gregg Araki ou Rose Troche. Em comum – e em traços muito gerais –, estamos perante novas narrativas que exploram as relações afetivas e sexuais entre pessoas queer, de forma desassombrada e não raras vezes em oposição aos padrões morais e sexuais heteronormativos. E se a exploração da sexualidade e afetividade entre homens já vinha sendo explorada na história do cinema há décadas (em representações mais ou menos positivas), as relações lésbicas foram largamente invisibilizadas e quase sempre sujeitas a um olhar masculino, ora moralizante, ora objetificante. Neste contexto, duas primeiras obras em longa-metragem dialogam no Programa 4, *Bound* (1996), das irmãs Lana e Lilly Wachowski, cineastas trans que viriam anos depois a realizar os *Matrix*; e *High Art*, de Lisa Cholodenko (1998, o único filme dos programas que extravasa a barreira de 1997). Claramente já herdeiros do caminho aberto poucos anos antes pelos cineastas da primeira vaga do NQC, a representação explícita do desejo lésbico em ambos os filmes – em jeito de *thriller neo-noir* em *Bound*, ou no registo de drama romântico em *High Art*, e ambos com um *edge* ao tocarem, respetivamente, nos universos do mundo do crime organizado e na toxicodependência –, os dois filmes ressoaram fortemente nas comunidades lésbicas e estão a conhecer, hoje, uma renovada atenção.

Tema recorrente na história de representações da homossexualidade no cinema, e largamente explorado no cinema queer, foi o do *cruising*, ou engate, entre homens. Se é verdade que essa prática foi frequentemente representada como condenável ou conducente a um castigo (veja-se o destino de Sebastian em *Suddenly, Last Summer*, de Joseph L. Mankiewicz, de 1959, ou no famigerado *Cruising*, de William Friedkin, de 1980), historicamente ela foi absolutamente estruturante na formação de uma identidade gay e na expressão do seu desejo. E ainda o é, hoje. Dois filmes dos anos 80 compõem o Programa 5 e têm no *cruising* um elemento dramático central. Em 1980, o realizador alemão Frank Ripplow assina a sua estreia na realização com *Taxi to the Toilet*, uma narrativa semiautobiográfica, protagonizada pelo próprio, e que gira à volta de um conflito entre essas duas formas de encarar uma vivência queer: o recente namorado de Frank quer uma vida a dois, assimilada, ao passo que Frank não quer abdicar do hedonismo gay das fervilhantes ruas de

Berlim Ocidental. Com um *background* na encenação de teatro e ópera, o francês Patrice Chéreau soube trazer para o cinema uma qualidade de composição conjunta de teatro, como bem demonstrou no magnífico *Ceux qui m'aiment prendront le train*, de 1998, ou anos antes, uma qualidade de contracena a dois, em *L'homme blessé* (1993). Coescrito com Hervé Guibert, é no submundo das redes de desejo de Paris que se desenvolve a história do jovem Henri que se apaixona por um homem mais velho. As revoluções sociais e culturais, e as suas eventuais conquistas, progrediram a ritmos díspares para as diferentes classes, raças, etnias, sexualidades. Apesar de o movimento dos Direitos Civis Americano ter, desde os anos 50, significado expressivas conquistas para as comunidades negras do país, o avanço para uma igualdade nos diversos setores da sociedade foi lento e longe de pleno, até aos dias de hoje. E a representação de pessoas negras no cinema foi reflexo dessa desigualdade. Neste contexto, regressamos ao NQC no Programa 6 para destacar a importante obra de dois cineastas negros, Cheryl Dunye e Marlon T. Riggs. Os seus filmes, em conjunto, são uma importante contribuição, por um lado, para uma reescrita e resgate da história das pessoas negras nos EUA, e, por outro, para uma representação e reflexão sobre o lugar das pessoas negras queer, quer no contexto geral da sociedade americana, quer nas comunidades queer, das quais muitas vezes se viram excluídas. *The Watermelon Woman* (1996), de Dunye, procura construir e dar a ver essas comunidades presentes (negra e queer), ao mesmo tempo em que reflete sobre a representação da mulher negra no cinema – em complemento a esta exibição, *Spin Cycle* (1991), de Aarin Burch, também cineasta negra e lésbica, é um sensível voltar da câmara sobre si mesma, numa autorreflexão sobre estas suas complexas camadas identitárias. Já *Black Is... Black Ain't* (1995), de Riggs, é também sobre a complexidade de ser-se negro e queer nos EUA, contra toda uma história de discriminação e estereótipos. Acrescentando-se ainda um outro elemento que se imiscui no filme e o torna incomensurável: diagnosticado como seropositivo, Riggs dirige parte do documentário a partir da sua cama de hospital, vindo a falecer antes do lançamento do filme.

O ativismo volta a estar no centro com o Programa 7, o derradeiro desta retrospectiva. Seria incontornável, na medida em que a política é um vetor estruturante do cinema queer, mesmo quando não é o seu objeto direto. A veterana Su Friedrich fez do ativismo a sua vida, e do seu cinema uma reivindicação. De sólida base comunitária, lésbica e feminista, revolucionária de matriz de guerrilha, espírito DIY, deu voz ao ativismo mais *grassroots* e denunciou, mais recentemente, o fenómeno da gentrificação e a destruição que ela acarreta para as comunidades queer urbanas. Trata-se de um cinema que não se fica pelo observacional, mas em que a própria realizadora se implica no seu sujeito. Foi ao lado de Janet Baus que Friedrich assinou *The Lesbian Avengers Eat Fire, Too* (1993), um documentário que acompanha as origens do grupo lésbico ativista Lesbian Avengers (do qual Sarah Schulman foi uma das fundadoras), responsáveis pela Dyke March, entre outras ações que ganharam visibilidade pela sua saudável pouca ortodoxia para a época – em complemento, exibimos *Greetings from Washington, D.C.* (1981), de Lucy Winer, um precioso documento sobre a primeira Marcha Nacional pelos Direitos Gay e Lésbicos, em Washington, em 1979. E a encerrar a retrospectiva, uma obra-compêndio. Se falamos de resgate e reescrita de uma História queer, de ativismo e VIH/sida, de exaltação e representação do desejo sexual queer, de comunidade e construção utópica, de homenagem à estética *camp* e à própria História do cinema queer – e a tudo isto juntarmos uma estética e narrativa visionárias em forma de musical –, *Zero Patience* (1993), de John Greyson, pode ser o filme-súmula desta nossa proposta, pois ele contém um espelho dentro de si mesmo. Partindo do “mito” do “paciente zero” do VIH/sida, o filme é um manifesto de “zero paciência” e condescendência perante o preconceito social e a negligência política face à epidemia, exaltando antes uma comunidade e uma cultura. E regressamos a Ramrod. Perante a masculinidade tóxica, a homofobia, o sexismo, o capitalismo, a assimilação e o patriarcado, cabe aos paneleiros e aliadas criar a sua revolução.

Retrospectiva

Programa 0

Sexta-feira 18 setembro • Cinema São Jorge, Sala 3, 16h00

Word Is Out: Stories of Some of Our Lives

Mosaico de entrevistas com 26 gays e lésbicas que descrevem as suas experiências de saída do armário, de amor e desamor, de luta contra o preconceito e leis discriminatórias, *Word Is Out* foi a primeira longa-metragem documental sobre identidade queer realizada por cineastas queer. Entre as pessoas entrevistadas contam-se a poetisa Elsa Gidlow, a ativista política Sally Gearhart, o inventor John Burnside, o líder de direitos civis Harry Hay e o cineasta de vanguarda Nathaniel Dorsky. O filme teve um enorme impacto e tornou-se um ícone do emergente movimento pelos direitos dos homossexuais da década de 1970. Quase cinquenta anos depois, pronto para ser redescoberto, é simultaneamente um registo das lutas do passado e uma ocasião para refletir sobre o caminho que ainda temos de percorrer. Para honrar a sua relevância e legado histórico, *Word Is Out* foi selecionado para o Outfest UCLA Legacy Project, sendo aqui exibida a sua versão restaurada.

Peter Adair, Nancy Adair, Andrew Brown, Rob Epstein, Lucy Massie Phenix, Veronica Selver (The Mariposa Film Group) (EUA, 1977, 132')
Doc. VO inglesa, leg. em inglês. M/16

Domingo 20 setembro • Cinema São Jorge, Sala Rank, 15h30, 17h00 & 18h30

The Faggots & Their Friends Between Revolutions

The Faggots & Their Friends Between Revolutions é um olhar poético e cinematográfico sobre o lendário manifesto queer dos anos 1970, assinado por Larry Mitchell e Ned Asta; resultando numa meditação visual sobre *queerness*, alteridade e resistência silenciosa. Tendo como pano de fundo a beleza natural da Baía de São Francisco, o filme reinterpreta as personagens do livro como metáfora: “os paneleiros e os seus amigos” reincarnam através de flores, árvores e o céu, ao passo que “os homens” nos surgem como arranha-céus frios e brutalistas, como máquinas.

Paul Rice (EUA, 2026, 40') • Ensaio. VO leg. em inglês. M/16

* Estas sessões contam com a presença de Paul Rice



Ocaña, Retrato Intermitente

Programa 1

Sábado 19 setembro • Cinemateca Portuguesa, Sala M. Félix Ribeiro, 18h00

Fatucha Superstar - Ópera Rock... Bufa

Embora a sua obra, iniciada em 1975, tenha acabado por focar muito mais fortemente questões políticas e sociais, João Paulo Ferreira realizou esta obra singular, *Fatucha Superstar*, num registo inspirado no musical *Jesus Christ Superstar*, de Andrew Lloyd Webber. Com a revolução ainda quente, Ferreira desconstrói aquele que foi um dos grandes alicerces do Estado Novo: as aparições de Nossa Senhora de Fátima. Se por um lado, *Fatucha Superstar* é fiel à estética *hippie* da obra de Webber – e a uma geração portuguesa da altura –, já Fátima, ou Fatucha, é uma sofisticada travesti que surge aos três pastorinhos de óculos escuros e descapotável. Nesta sessão, será apresentada em estreia absoluta a cópia digitalizada pela Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema, no âmbito do Plano de Recuperação e Resiliência, medida integrada no programa Next Generation EU, através de um protocolo estabelecido com o Queer Lisboa.

João Paulo Ferreira (Portugal, 1976, 44')
Curta Fic. Exp. VO portuguesa, leg. em inglês. M/16

Scorpio Rising

Uma invocação dos Príncipes regentes, Anjos e Espíritos de MARTE, concebida como uma visão “elevada” do mito do motard americano. A Máquina de Poder vista como um totem tribal, de brinquedo a terror. Thanatos em crómio, couro preto e calças de ganga rasgadas. Anger descreveu o seu icónico filme queer à revista francesa *Les Inrockuptibles*, em 1997, nestes termos: “Uma obsessão por máquinas, motos, carros ou armas de fogo é regida pelo signo de Escorpião. Este signo também rege os órgãos sexuais, que são, num certo sentido, máquinas em si mesmos. Vejo esta atração pelas máquinas, pelo poder e pela velocidade como uma projeção da energia de Marte. Os rapazes em *Scorpio Rising* não se apercebiam de que se estavam a identificar sexualmente com as suas motos, tal como os cowboys cujos cavalos se tornam parte de si próprios... Sempre fui fascinado pela sobrevivência das tradições primitivas e pagãs na vida quotidiana.”

Kenneth Anger (EUA, 1963, 28') • Curta Exp. S/ diálogos. M/18

Sábado 19 setembro • Cinema São Jorge, Sala 3, 21h45

Pink Narcissus

Um jovem extremamente belo, taciturno e egocêntrico escapa das realidades do seu mundo real através de uma sucessão de fantasias exóticas. Obcecado com a sua própria perfeição, vive num mundo de sonho de cores intensas, música magnífica, trajes elaborados e homens de uma beleza impressionante. Imagina-se como um escravizado romano escolhido pelo imperador, um matador triunfante a derrotar o touro, uma ninfa inocente a brincar na floresta e um rapaz do harém com vestes diáfanas na tenda do xeque. O quarto onde se entrega aos seus devaneios é um refúgio requintado, incrustado de joias. Mas a realidade intromete-se constantemente através das visitas dos seus clientes, dos sons ásperos e desagradáveis das ruas e das vidas depravadas daqueles que as habitam. Clássico incontornável do cinema queer experimental, *Pink Narcissus* é aqui apresentado em cópia restaurada.

James Bidgood (EUA, 1971, 68') • Fic. Exp. S/ diálogos. M/18

Programa 2

Domingo 20 setembro • Cinema São Jorge, Sala 3, 16h00

Ocaña, Retrato Intermitente

Uma visão intimista do pintor andaluz José Pérez Ocaña, um artista que marcou a vida das Ramblas e da Praça Real na Barcelona do final dos anos setenta, uma cidade cheia de ânsia de liberdade e com uma emergente vida cultural à época. Um retrato intermitente, interrompido pelas provocações da memória: Ocaña, na sua casa, fala-nos da sua vida e, ao mesmo tempo, em novos momentos intermitentes, vemos o mundo que emana do seu subconsciente. O documentário é apresentado na sua versão recentemente restaurada.

Ventura Pons (Espanha, 1978, 85')

Doc. VO catalã e espanhola, leg. em inglês. M/16

Segunda-feira 21 setembro • Cinemateca Portuguesa,

Sala M. Félix Ribeiro, 21h45

Orlando

Orlando é uma história de procura pelo amor, mas também uma irónica coreografia através da História de Inglaterra. Ao abordar preocupações contemporâneas sobre género e identidade, o filme é notavelmente fiel ao espírito do romance clássico de Virginia Woolf, adaptando habilmente a história original de modo a conferir-lhe uma impactante linguagem cinematográfica. *Orlando* é uma ousada e desapegada reinterpretação, na qual um inocente aristocrata enceta uma viagem através de 400 anos de História inglesa, primeiro como homem, depois como mulher.

Sally Potter (Reino Unido, Rússia, Itália, França, Países Baixos, 1992, 94')

Fic. VO inglesa, leg. em português. M/16

Programa 3

Segunda-feira 21 setembro • Cinema São Jorge, Sala 3, 16h00

Bugis Street

As incríveis aventuras de Lian, uma camareira que começa um novo emprego num hotel em Singapura, habitado por transexuais e travestis, durante a Guerra do Vietname. Entre o glamour dos riquexós e a virtude do rímel, a jovem Lian descobre uma comunidade, e um modo de viver, de amar, de ligação e de paixão totalmente diferentes. Um amadurecimento tornado fantasia pessoal, numa rua submersa na escuridão e na decadência divina.

Yonfan (Singapura, Hong Kong, 1995, 98')

Fic. VO inglesa e mandarim, leg. em inglês. M/16

Terça-feira 22 setembro • Cinemateca Portuguesa,

Sala M. Félix Ribeiro, 19h00

Shinjuku Boys

Um olhar sobre o género e a sexualidade no Japão através do retrato de Kazuki, Tatsu e Gaish, três anfitriões trans masculinos que trabalham no New Marilyn Club, no vibrante bairro de Shinjuku, em Tóquio. À medida que o filme os acompanha em casa e no trabalho, os três falam sobre as suas vidas, revelando as suas visões sobre o amor, o sexo, a orientação sexual, as relações tradicionais e a identidade. Intercaladas com estas entrevistas estão sequências filmadas no interior do clube, um local frequentado principalmente por mulheres heterossexuais cisgénero.

Kim Longinotto, Jano Williams (Reino Unido, 1995, 53')

Doc. VO japonesa, leg. em português e inglês. M/16

Programa 4

Terça-feira 22 setembro • Cinema São Jorge,

Sala Manoel de Oliveira, 22h00

Bound

Antes de arrebataram o mundo com *The Matrix*, Lana e Lilly Wachowski proporcionaram-nos uma dose de puro prazer *pulp* com a sua estreia hiperestilizada com um toque deliciosamente sáfico. Quando a canalizadora *butch*, Corky, chama a atenção da sedutora *femme (fatale)* Violet, mal sabia ela que estava prestes a ser arrastada tanto para um romance tórrido, como para um assalto de alto risco que iria confrontar as duas com a máfia. Com diálogos vibrantes, uma sedutora fotografia *neo-noir* e interpretações eletrizantes, *Bound* é uma voluptuosa aventura que reinventa o género, mantendo tanto a tensão como a chama erótica em crescendo, a cada vertiginosa reviravolta. Título incontornável do New Queer Cinema, *Bound* foi alvo de um restauro, o qual é apresentado nesta sessão.

Lana Wachowski, Lilly Wachowski (EUA, 1996, 109')

Fic. VO inglesa, leg. em português. M/16

Quarta-feira 23 setembro • Cinemateca Portuguesa,

Sala M. Félix Ribeiro, 19h00

High Art

Syd, uma editora iniciante numa revista de fotografia, descobre que a sua vizinha é a outrora célebre fotógrafa Lucy Berliner. Embora Syd viva com o namorado, esta apaixona-se por Lucy, que tem uma relação instável com a sua namorada alemã viciada em heroína, Greta. À medida que a atração entre as duas se aprofunda, Syd deixa-se arrastar para um ambiente glamoroso, mas perigoso, do mundo da arte, repleto de drogas e prazeres inesperados.

Lisa Cholodenko (EUA, 1998, 102')

Fic. VO inglesa, leg. em português. M/16

Programa 5

Quarta-feira 23 setembro • Cinema São Jorge, Sala 3, 16h00

Taxi to the Toilet

"Gosto de homens, tenho 30 anos e trabalho como professor do ensino básico", diz Frank, que, por vezes, se veste de Peggy. Em *drag*, conhece Bernd e leva-o diretamente do cinema para casa. A partir desse momento, formam um casal. Frank gosta de estar com Bernd, mas também quer manter a liberdade de, por exemplo, se encontrar com outros homens e ter sexo anónimo em parques e casas de banho públicas. Os sonhos de Bernd de uma relação monogâmica e de uma vida tranquila numa quinta, não são o que Frank procura. No baile anual de *drag queens*, tudo acaba num alvoroço...

Frank Ripploh (Alemanha Ocidental, 1980, 90')

Fic. VO alemã, leg. em inglês. M/16

Quinta-feira 24 setembro • Cinemateca Portuguesa,

Sala M. Félix Ribeiro, 21h45

L'homme blessé

Henri, um inquieto adolescente de classe média, esgueira-se para as casas de banho públicas de uma estação de comboios de Paris e acaba obcecado por Jean, um perigoso e experiente prostituto. O seu encantamento por causa de um inesperado beijo submerge-o num mundo sombrio e secreto, onde persegue um amor obsessivo e não correspondido. Coescrito com Hervé Guibert e estreado em Cannes em 1983, *L'homme blessé* foi uma das primeiras grandes estreias cinematográficas francesas a retratar o desejo homossexual e as culturas sexuais queer de forma positiva e sem remorsos.

Patrice Chéreau (França, 1983, 119')

Fic. VO francesa, leg. em português e inglês. M/16

Retrospectiva

Programa 6

Quinta-feira 24 setembro • Cinema São Jorge, Sala 3, 16h00

Spin Cycle

“Sempre houve uma mulher que foi o meu objeto de desejo”, é o mote de abertura da curta-metragem autobiográfica de Aarin Burch. Através de uma narração em voz *off* que segue um fluxo de consciência, Burch reflete sobre o seu processo criativo, os seus desejos românticos, os seus medos e a sua sexualidade. Com *Spin Cycle*, o espelho que Burch orienta sobre si mesma, abre ao mundo uma nova linguagem cinematográfica para a identidade queer negra. Apresentamos aqui a cópia recém-restaurada em 4K.

Aarin Burch (EUA, 1991, 5')

Doc. Curto. VO inglesa, leg. em inglês. M/16

The Watermelon Woman

Cheryl é uma lésbica negra na casa dos vinte, empenhada em realizar um documentário sobre Fae Richards, uma bela e esquiva atriz negra do cinema da década de 1930, popularmente conhecida como “The Watermelon Woman”. Enquanto descobre o significado da vida de Fae Richards, Cheryl passa por uma reviravolta total na sua própria vida pessoal. O seu romance com Diana, uma bela mulher branca, e as suas interações com as comunidades gay e negra são alvo da crítica jocosa, mas mordaz, da sua melhor amiga, Tamara. Entretanto, cada resposta que Cheryl descobre sobre a Watermelon Woman suscita uma enxurrada de novas perguntas sobre si própria e sobre o seu futuro. O filme foi restaurado no âmbito do Outfest UCLA Legacy Project, versão aqui apresentada.

Cheryl Dunye (EUA, 1996, 90')

Fic. VO inglesa, s/ leg. M/16

Sexta-feira 25 setembro • Cinemateca Portuguesa,
Sala M. Félix Ribeiro, 21h30

Black Is... Black Ain't

O derradeiro filme do cineasta Marlon T. Riggs mergulha no coração dos explosivos debates sobre Identidade Negra. Os Afro-Americanos sempre foram alvo de estereótipos por parte dos Americanos Brancos, mas as definições rígidas de “Negritude” que os próprios Afro-Americanos impõem uns aos outros, afirma Riggs, têm sido igualmente devastadoras. Existe uma Identidade Negra “essencial”? Existe uma prova decisiva que defina o verdadeiro homem Negro e a verdadeira mulher Negra? Riggs usa a receita do gumbo da sua avó como metáfora para a rica diversidade das identidades Negras e cria um saboroso guisado de testemunhos pessoais, música e história. A sua câmara percorre o país, colocando-nos cara a cara com pessoas Negras (jovens e idosas, ricas e pobres, do campo e da cidade, homossexuais e heterossexuais) que se debatem com o paradoxo das inúmeras e, muitas vezes, contestadas definições de Negritude.

Marlon T. Riggs (EUA, 1995, 87')

Doc. VO inglesa, leg. em português. M/16



Black Is... Black Ain't

Programa 7

Sexta-feira 25 setembro • Cinema São Jorge, Sala 3, 16h00

Greetings from Washington, D.C.

Documentada pelos pioneiros cineastas Rob Epstein, Frances Reid, Greta Schiller e Lucy Winer, a primeira Marcha Nacional em Washington pelos Direitos de Lésbicas e Gays foi um acontecimento histórico que teve lugar a 14 de outubro de 1979. Através de entrevistas com diversos participantes e espectadores reunidos na capital do país, este documentário inspirador capta o espírito alegre e interseccional de um evento que marcou o início de um novo capítulo na luta nacional pelos direitos e pela visibilidade da comunidade queer.

Lucy Winer (EUA, 1981, 28')

Doc. Curto. VO inglesa, leg. em inglês. M/16

The Lesbian Avengers Eat Fire, Too

Filmado por várias Avengers e montado por duas delas, Janet Baus e Su Friedrich, *The Lesbian Avengers Eat Fire, Too* oferece uma visão rara e privilegiada do primeiro ano deste pioneiro grupo nova-iorquino reivindicador de visibilidade e direitos das mulheres lésbicas – desde a sua primeira inovadora manifestação em frente a uma escola primária em 1992, até à incrível Dyke March em Washington DC, onde as Avengers engoliram fogo em frente à Casa Branca, aplaudidas por uma enorme multidão.

Su Friedrich, Janet Baus (EUA, 1993, 56')

Doc. VO inglesa, leg. em português. M/16

Sábado 26 setembro • Cinemateca Portuguesa,
Sala M. Félix Ribeiro, 18h00

Zero Patience

O explorador vitoriano, Sir Richard Burton, encontra o fantasma do “paciente zero”, alegadamente o primeiro doente a trazer a sida para a América do Norte. A segunda longa-metragem do cineasta e ativista canadiano John Greyson é uma comédia musical ousada que analisa os mitos em torno das origens da sida, ao mesmo tempo que apresenta uma crítica mordaz à homofobia sistémica. Um clássico do cinema queer, aqui apresentado em cópia recentemente restaurada.

John Greyson (Reino Unido, Canadá, 1993, 100')

Fic. VO inglesa, leg. em português. M/16



The Lesbian Avengers Eat Fire, Too

La conscience politique

La conscience politique identifica e responde à violência das nossas instituições através da obra do filósofo Geoffroy de Lagasnerie. O filme é um convite à luta, concebido em colaboração com Assa Traoré, Édouard Louis, Didier Eribon e outras pessoas aliadas empenhadas em abrir caminho em direção à emancipação coletiva.

Léolo Victor-Pujebet (França, 2026, 71')

Doc. VO francesa, leg. em inglês. M/16

Quarta-feira 23 setembro · Sala 2, 18h00



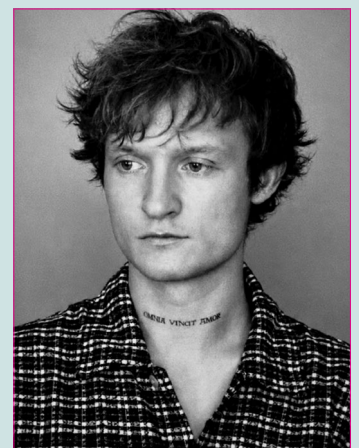
Conversa com Geoffroy de Lagasnerie e Léolo Victor-Pujebet, moderada por António Guerreiro

A seguir à exibição do documentário *La conscience politique*, tem lugar uma conversa com Geoffroy de Lagasnerie e Léolo Victor-Pujebet, onde se discutirão temas como a repressão, a família, a amizade, a democracia, a arte, as normas sexuais, entre outras questões centrais do pensamento de Geoffroy de Lagasnerie, além do cinema como instrumento para a disseminação do conhecimento e do pensamento. Uma das mais proeminentes figuras do pensamento radical de esquerda contemporâneo em França, Geoffroy de Lagasnerie é um filósofo e sociólogo, professor na École Nationale Supérieure d'Arts de Paris Cergy. A sua obra explora principalmente as interseções entre política, direito, arte e teoria crítica. Os seus livros foram traduzidos para 10 línguas e tem quase quinze livros publicados. As suas últimas obras abordaram a amizade como um modo de vida para além da conjugalidade e da família, o abolicionismo penal e a crítica à democracia. Os seus livros "O Meu Corpo, Este Desejo, Esta Lei" e "Sair da nossa Impotência Política" estão publicados em Portugal pela BCF Editores. Léolo Victor-Pujebet é cineasta, fotógrafo e artista visual. Depois de estudar Cinema e Filosofia na Universidade Paris Diderot, desenvolveu uma prática em que o documentário, a ficção, a fotografia e a instalação se movem num continuum comum, atento às formas como as imagens sobrevivem e perduram, às narrativas de intimidade e às fraturas políticas que atravessam as vidas individuais. Além do seu próprio trabalho, colaborou com Christophe Honoré, Romane Bohringer, Fabienne Berthaud e Bruce LaBruce. Em 2015, cofundou a HORSCHAMP com Mathieu Morel, associação que se tem tornado num dos principais espaços da França para a divulgação e discussão do cinema de autor, da fotografia e da arte contemporânea. A conversa será moderada por António Guerreiro, cronista do jornal *Público*, editor da revista *Electra* da Fundação EDP, e assistente convidado da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.

* A conversa tem lugar no final da exibição de *La conscience politique* e será conduzida em inglês



Geoffroy de Lagasnerie



Léolo Victor-Pujebet



António Guerreiro

Troféu Queer Lisboa

Os patos

Gezo Marques & José Aparício Gonçalves

Na Oficina Marques, acreditamos que a beleza também está nas falhas, nas marcas do tempo e naquilo que não conseguimos controlar. Não procuramos a perfeição.

Celebramos aquilo que torna cada coisa única. É também daí que nasce a nossa Tusa de Viver: a vontade de estar presentes e celebrar a vida tal como ela é, em todas as suas dimensões.

Foi com este espírito que recebemos o convite do Queer Lisboa para criar os troféus da sua 30.ª edição.

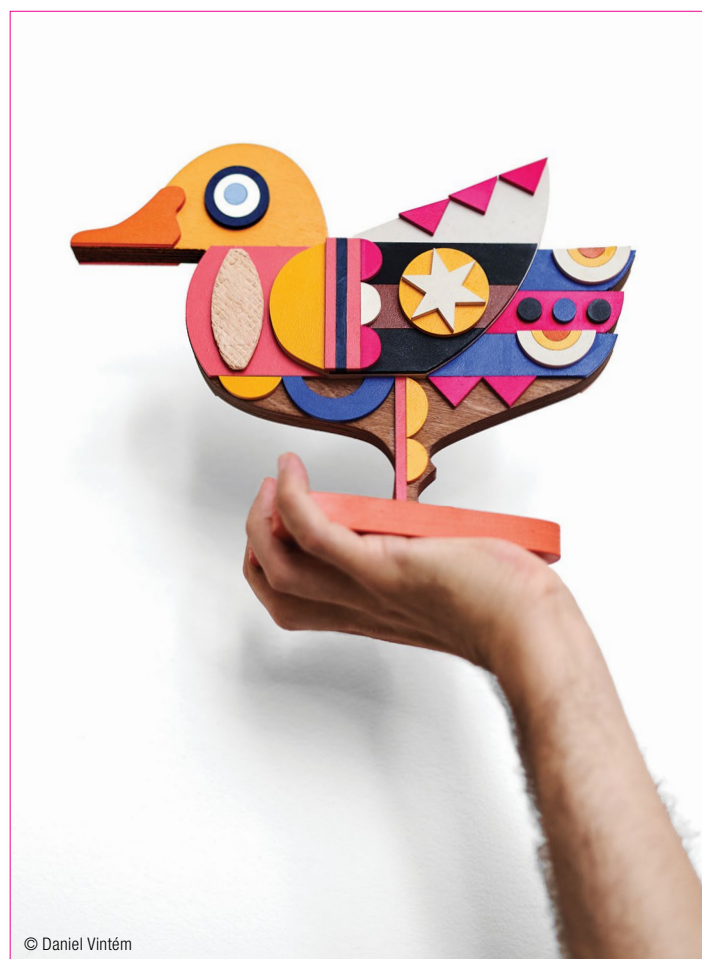
O pato, símbolo do festival, foi o nosso ponto de partida. Criámos dez esculturas em madeira, todas com a mesma base, mas cada uma intervencionada e pintada à mão. Partem da mesma forma, mas acabam todas diferentes. Há variações de elementos e cores que fazem com que cada peça tenha a sua própria personalidade.

E talvez seja precisamente aí que encontramos uma ligação com o Queer Lisboa. A possibilidade de sermos diferentes sem termos de deixar de pertencer. De encontrarmos o nosso próprio lugar sem perder a ligação aos outros.

Para nós, estes troféus para além de objetos de celebração, são esculturas que falam de pertença e da força da comunidade sem apagar a individualidade e da possibilidade de sermos diferentes sem deixarmos de caminhar juntos.

O Queer Lisboa celebra há 30 anos histórias e formas de existir que merecem ser vistas, vividas e celebradas. Para nós, estar presentes nesta celebração é também uma forma de dizer que a cultura, a arte e a vida se fazem de muitas vozes, muitos corpos e muitas maneiras de ser.

Os patos são todos diferentes, mas parte do mesmo bando, e com uma grande vontade partilhada de celebrar a vida.



© Daniel Vintém



© Daniel Vintém

BISTRO EDELWEISS



SWISS FOOD.
LISBON SOUL.
EVERYONE WELCOME.

Proud sponsor of Queer Lisboa

Rua de São Marçal 2 - Príncipe Real - Lisboa
Every day · 17h–24h
+351 930 414 725
edelweiss-bistro.com

Contra Natura
EROTIKA SHOP

RUA DOS DOURADORES, 23
RUA DOS CORREIROS, 163
RUA QUIRINO DA FONSECA, 7B
RUA NOVA DA TRINDADE, 26B
LISBOA

contranatura.pt

OFICIAL
Queer
PARTNER AND SPONSOR



VILLA 3
GAY RESORT HOTEL ***
LISBON - PORTUGAL

CAPARICA



 www.villa3caparica.com
 **+351 964 983 333**

Piscina Aquecida, Jacuzzi, Sauna, Sala de Vapor, Gym,
Pequeno-Almoço Incluído, Roupas Opcionais, Transporte
Grátis para Lisboa*

NOSSO ORGULHO

**O MAIOR CATÁLOGO
DE CINEMA E SÉRIES QUEER**



TUDO NUM SÓ LUGAR

FILMIN

Festas

Festa de Abertura / mina x Queer Lisboa

Sexta 18 setembro, 23h59–08h

DJs: BLEID, Joe Delon, Sashael, marum b2b Dj Saliva, Phoebe, Rroxy more, Violet

Performance: Guilherme Leal

Instalação: Post Carbon

Ministerium Club (Terreiro do Paço, 71)

Entrada: 18€

Também fora do cinema se celebram os 30 anos do festival. O Queer Lisboa colabora pela primeira vez com a mina, a festa que em 2017 veio revolucionar a fruição do techno na noite queer lisboeta. Para sempre ligada ao Planeta Manas, esta rave queer feminista tornou-se uma referência na cidade da experimentação musical e da liberdade. O *line-up* é de luxo, com Joe Delon, Rroxy more, Dj Saliva, Sashael e artistas residentes.

Teenage Sex

Sábado 19 setembro, 22h–03h

DJs: 2babydjs

Purex (Rua das Salgadeiras, 28)

Entrada gratuita

Na noite em que se exhibe o muito esperado *Adolescência, Sexo e Morte no Acampamento Miasma*, convidamos os 2babydjs a interpretar na pista de dança a viagem delirante entre o terror e o desejo que o filme provocará. Do pop mais pegajoso àquele indie maroto, a dupla promete receber de braços abertos um público ainda em choque. O *set* será temperado com uma pitada de êxitos levantados da tumba – sem perder de vista a canção moderna.

The RuPaul Train

Quarta-feira 23 setembro, 21h–00h

Drama Bar (Rua Damasceno Monteiro, 75B)

Entrada gratuita

Apertem os cintos porque vêm aí curvas. A seguir à exibição do desvairado e aceleradíssimo *Stop! That! Train!*, convidamos todes a rumar até ao sempre excitante Drama Bar para continuar a festa. Os *headquarters* queer do bairro dos Anjos prometem receber-nos com o mais divertido espírito Drag Race. Objetivo? Superar as adversárias que se ponham à tua frente e converter-te na mais explosiva da noite.



Watermelon Woman

Quinta-feira 24 setembro, 22h–02h

DJ: M.A.R.T.A.

Purex Clube (Rua das Salgadeiras, 28)

Entrada gratuita

O muito bem-humorado clássico do cinema lésbico *The Watermelon Woman* é o mote para uma festa dedicada em especial às mulheres, com portas abertas a todes. M.A.R.T.A. procurará ampliar legados, honrar referências e abrir espaço à liberdade coletiva no dancefloor, através de um *set* atravessado pela música negra – do house ao techno, do disco à batida.



Jim Queen

Sexta-feira 25 setembro, 21h–03h

TR3S (Rua Ruben A. Leitão, 2A)

Entrada gratuita

Depois da exibição da muito antecipada e desbragada animação francesa *Jim Queen*, o emblemático bar TR3S, uma das referências incontornáveis do Príncipe Real, acolhe os espectadores do filme e todas as pessoas que se queiram juntar. Entre ursos, *twinks*, *queens* e *queers*, toda a fauna que o filme celebra estará aqui reunida, a recuperar desse susto da “héterose”!

Festa de Encerramento / Ano Q x Queer Lisboa

Sábado 26 setembro, 23h–03h

DJ: perolidade

ZDB (Terraço) (Rua da Barroca, 59)

Entrada com donativo livre

Com um nome que celebra a nossa letra favorita (Q, de Queer), era inevitável que o Ano Q se tornasse o ponto de encontro de encerramento do festival. A 6ª edição do evento comunitário organizado pela Rádio Quântica conta com um cartaz arrojado dedicado às sonoridades alternativas da cena portuguesa. O aquário da Zé dos Bois inundará desde as 20h e transbordará até ao terraço a partir das 23h com uma festa Queer Lisboa de entrada própria e reservada ao último andar. Nos *decks*, perolidade, presença de luxo para uma noite para abanar copos e corpos ao som de house music costurada com club, breakbeat e edits.

Queer Lisboa 30 – FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA QUEER
18-26.09.2026 | Cinema São Jorge & Cinemateca Portuguesa

Calendário de Sessões

	Sexta 18 Friday	Sábado 19 Saturday	Domingo 20 Sunday	Segunda 21 Monday	Terça 22 Tuesday	Quarta 23 Wednesday	Quinta 24 Thursday	Sexta 25 Friday	Sábado 26 Saturday
CINEMA SÃO JORGE - SALA MANOEL DE OLIVEIRA									
16h15		Julian	La Grávida	La belle année	Raging	Black Burns Fast	Joy Boy: a Tribute to Julius Eastman	Outerlands	Barbara Forever
19h00		Maspalomias	Prosecution	Desire Lines	Não Resta Nada	Stop! That! Train!	Estrany Riú	Jim Queen	
21h00	Noite de Abertura								Noite de Encerramento
22h00	The Man I Love	Teenage Sex and Death at Camp Miasma	Amarga Navidad	Iván & Hadoum	Bound	Blue Film	London	En el Camino	Tangles
CINEMA SÃO JORGE - SALA 3									
16h00	Word Is Out	Public Access	Ocaña, Retrato Intermitente	Bugis Street	Nuestro Cuerpo Es una Estrella que Se Expande	Taxi to the Toilet	The Watermelon Woman + Spin Cycle	The Lesbian Avengers Eat Fire: Too + Greetings from Washington, D.C.	A Sweetness from Nowhere
18h45		Curtas 1	Curtas 2	Curtas 3	Curtas 4	A Paixão segundo G.H.B.	Life Is about Losing Everything	La face cachée de la terre	Un jeune homme de bonne famille
21h45		Pink Narcissus	Baby Jackfruit Baby Guava	Uchronia: Parallel Histories of Queer Revolt	La Cam	Virages	Corren las Liebres	Two Mountains Weighing Down my Chest	
CINEMA SÃO JORGE - SALA 2									
15h30		Feito Pipa							Papaya
18h00		Cooking Up Democracy	Desejo de Viver (mutatis mutandis)	Pédale rurale	Hélène trésore transnationale	La conscience politique + conversa	In My Shorts 1	In My Shorts 2	
CINEMA SÃO JORGE - SALA RANK									
15h30			The Faggots & Their Friends Between Revolutions						
17h00			The Faggots & Their Friends Between Revolutions						
18h30			The Faggots & Their Friends Between Revolutions						
CINEMATECA PORTUGUESA - SALA M. FÉLIX RIBEIRO									
18h00		Fatucha Superstar + Scorpio Rising							Zero Patience
19h00					Shinjuku Boys	High Art			
21h30								Black Is... Black Ain't	
21h45				Orlando		L'homme blessé			
CINEMATECA PORTUGUESA - SALA M. FÉLIX RIBEIRO									
	MINISTERIUM	PUREX				DRAMA BAR	PUREX	TRRS	ZDB
	Festa de Abertura / mina x Queer Lisboa (23h59-08h)	Teenage Sex (22h-03h)				The RuPaul Train (21h-00h)	Watermelon Woman (22h-02h)	Jim Queen (21h-03h)	Festa de Encerramento / Ano 0 x Queer Lisboa (23h-03h)

THE LATE

birds

GAY
URBAN
RESORT
LISBON

More than a Hotel, a way of living...

Celebrating

Queer Art

since 2015

Lounge

Pool Bar

Suites

Sundeck

Garden

Pool

www.thelatebirdshotel.com

Travessa André Valente, 21 1200-024 Lisboa, Portugal +351 933 000 962